

O PÁTIO

ANO XXV | N.º 125 | FEV/MAR 2023 | LÍNGUA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

Celebrando a Língua, a Cultura e o Saber



ENTREVISTA | Marta Siteo

Norma, variedade e cultura da Língua de Camões

A biografia, a história e a grandeza da obra de Camões para a língua portuguesa não são suficientemente exploradas.



Celebrar a Língua, a Cultura e o Saber: Ecos de um Pátio que se abre para o Mundo

Neste número d'O Pátio, celebramos muito mais do que datas e eventos: celebramos a vida da nossa escola como espaço de encontro, criação e descoberta. Num ano particularmente simbólico, em que assinalamos os 500 anos do nascimento de Luís de Camões, erguemos a voz da língua portuguesa com orgulho e emoção, homenageando aquele que lhe deu forma épica e universal.

Através da arte e do teatro, os nossos alunos vestiram a pele do poeta e das suas personagens, trazendo para o palco a força da palavra e da imaginação camoniana, num verdadeiro tributo à cultura lusófona.

O Dia da Língua Portuguesa, vivido com intensidade na EPM, foi mais uma prova da riqueza das línguas nas suas múltiplas vertentes: não apenas como instrumento de comunicação, mas como lugar de identidade, memória e criatividade. Foi um momento de união e reflexão, de exaltação da diversidade cultural que une os países da lusofonia, numa ponte entre continentes e gerações.

Neste espírito de encontro e partilha, destacamos também a nossa participação no IV Encontro das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, espaço de diálogo entre comunidades educativas dispersas pelo mundo, mas ligadas pelo mesmo idioma, pelos mesmos valores e pela missão comum de educar com qualidade, valores e sentido de pertença.

Ao longo deste trimestre, a aprendizagem ultrapassou as paredes da sala de aula, abrindo-se ao mundo real. As visitas de estudo revelaram-se oportunidades riquíssimas de contacto com o meio envolvente, consolidando saberes, despertando curiosidades e fomentando o espírito crítico. Porque aprender é também observar, experienciar e interagir com a realidade.

No mesmo caminho de valorização da cultura, o projeto Mabuko Ya Hina ("Os Nossos Livros"), participante na Conferência sobre o livro em Moçambique, fez, uma vez mais, a ponte entre o contexto educacional moçambicano e os horizontes que se abrem através da leitura

e da escrita. A promoção da leitura continua a ser uma das grandes apostas da EPM-CELP, também através da publicação de livros que semeiam o gosto pelas palavras, desenvolvem competências e despertam a sensibilidade para a arte de ler e compreender o mundo.

Por fim, e com orgulho, registamos a participação da Escola no Fórum Ciência Viva, onde os nossos jovens deram voz à curiosidade científica, ao pensamento crítico e à inovação. Foi uma afirmação do valor da educação para o futuro, onde a ciência caminha lado a lado com a cultura e a cidadania.

Este é o pátio da nossa escola: um espaço aberto, onde a língua, a ciência, a arte e a vida se entrelaçam. Um lugar onde se aprende, se cresce e se sonha. Que este número da revista espelhe essa vitalidade e nos inspire a continuar a construir, juntos, uma escola que pulsa em sintonia com o mundo.



SUMÁRIO

6. IV ENCONTRO DAS EPE's | Cooperação Internacional e Educação.

7. SESSÃO SOLENE | Celebrar arte e vida de Camões em palco.

10. CAMÕES | Iniciativas multidisciplinares marcaram evocação de Camões no 1.º ciclo.

11. SEMANA DA LEITURA | Uma semana em que o livro foi rei.

12. ATIVIDADES | Gonçalo Bettencourt e Shayrah Suleimane eleitos deputados da EPM-CELP.

14. CIÊNCIA | EPM-CELP marcou presença no I Fórum Nacional dos Clubes Ciência Viva.

17. POLO DA BEIRA | Findar o período com cultura geral.

18. ENTREVISTA | Norma, variedade e cultura da língua de Camões.

22. ATIVIDADES | Palestra - "Democracy in crisis or Crisis in democracy?".

24. DESPORTO | Festival comemorativo do 37.º aniversário do College Princess Cinderella.

26. COOPERAÇÃO | "Mabuko Ya Hina" participou na Conferência da CULTIV'ARTE.

28. REPORTAGEM COM ANTIGO ALUNO | Da "Tempestade" a um sonho poético!

30. PUBLICAÇÕES | "Os Três Corações da Ndawina".

31. CRÍTICA LITERÁRIA | Fahrenheit 451, de Ray Bradbury.

32. ASSOCIAÇÃO DE PAIS | Um percurso de construção coletiva.

34. PSICOLOGANDO | A Liberdade.



7. SESSÃO SOLENE | Celebrar arte e vida de Camões em palco

"A Língua Portuguesa não é apenas dos portugueses e não é apenas um instrumento de comunicação. É um elo de histórias que se cruzam e marcam os povos que a falam."



17. POLO DA BEIRA | Doação de mobiliário à AEM

Foram doadas 80 secretárias, 81 cadeiras e 1 estante, que irão contribuir para a implementação do projeto de Biblioteca Comunitária e Alfabetização de Adultos da AEM, que visa promover a educação inclusiva no bairro do Alto da Manga, Beira.



28. REPORTAGEM COM ANTIGO ALUNO |

"Foi na EPM-CELP que a vida de Manuel se transformou."

Foi durante uma aula de Português com a professora Margarida Cruz, que o amor pela literatura e pela poesia se revelou.

EPE discutiram Cooperação Internacional e Educação no IV Encontro em Angola



escolas portuguesas no estrangeiro”.

Sob a chancela da Direção-Geral da Administração Escolar, através da Direção de Serviços de Ensino e das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, o encontro anual das EPE é uma oportunidade para as escolas portuguesas no estrangeiro trocarem experiências, estratégias e boas práticas, além de fortalecer a rede e a identidade da comunidade escolar portuguesa no exterior. No IV encontro, a EPM-CELP foi representada por Luísa Antunes, presidente da Comissão Administrativa Provisória, e por António Marques, Subdiretor para a Área Financeira.

Decorreu, entre os dias 5 e 6 de maio, no Colégio São Francisco de Assis, em Luanda Sul, Angola, o IV Encontro das Escolas Portuguesas no Estrangeiro (EPE), num evento em que foi analisada a Cooperação Internacional e Educação, num contexto em que os desafios educativos ultrapassam fronteiras e exigem respostas coordenadas, solidárias e inovadoras, tal como afirmou Miguel Girão de Sousa, Adido para a Cooperação e Diretor do Centro Português de Cooperação naquele país.

Para o diplomata, os encontros anuais das EPE “reafirmam a importância das pontes entre culturas, povos e gerações, e renovam, em cada edição, o compromisso coletivo com a qualidade de ensino, com a inovação pedagógica e, sobretudo, com o papel transformador da escola na sociedade”.

Luís Fernandes, Diretor-geral da Administração Escolar – que esteve pela primeira-vez no continente africano –, afirmou que o IV Encontro celebra o compromisso partilhado com a qualidade da educação portuguesa no mundo. “As EPE são muitos mais do que escolas com currículo português no estrangeiro, são espaços de diplomacia cultural, de pertença comunitária e de inovação pedagógica adaptada aos contextos diversos e muitas vezes desafiantes”.

O Ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre, endereçou, em vídeo, uma mensagem na qual destacou o compromisso do Estado Português na valorização dos que continuam a garantir o funcionamento das EPE, dando como exemplo, a “promulgação do decreto-lei que alarga os apoios a todos os docentes das

“Bonecas Viajantes” no IV Encontro das EPE



Na senda das celebrações do IV encontro da EPE, voaram até Luanda, pelas mãos dos representantes da nossa Escola, as nossas Bonecas Viajantes, para se encontrarem com as outras, produzidas nas outras EPE. Aí foram expostas, depois trocadas entre as turmas que as produziram e lhes propiciaram a oportunidade de conhecer outras comunidades, culturas e tradições, durante o próximo ano. Ainda este ano, as turmas das diferentes EPE entrarão em contacto entre si, via Teams, com o objetivo de conhecerem e conversarem com a turma que produziu a boneca.

Este projeto das Bonecas

Viajantes foi uma proposta da Escola Portuguesa de S. Tomé e Príncipe, e foi operacionalizado através do Plano Nacional das Artes e dos Coordenadores do PCE – Plano Cultural de Escola, em cada uma das escolas participantes – cujos objetivos principais são a preparação de um programa cultural de escola para a fruição e produção cultural que integra a diversidade de manifestações e linguagens artísticas.

Na nossa escola, estiveram envolvidos no projeto todos os ciclos da escola sede em Maputo e do Polo da Beira, num total de 20 turmas, 4 salas do Pré-escolar B-D.



Celebrar a arte e a vida de Camões em palco

A EPM-CELP celebrou, a 5 de maio, o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP, num evento, que reuniu diplomatas de vários países da CPLP, representantes de governos, alunos, pais e encarregados de educação. Para assinalar a efeméride, promoveu um sarau que misturou a música, a declamação e o teatro, em homenagem ao Luís Vaz de Camões.

Na abertura da sessão, Cristina Viana, adjunta da Comissão Administrativa Provisória (CAP) da EPM-CELP, afirmou que falar de Camões, "cujo V Centenário de nascimento se assinala este ano e que quisemos trazer para a nossa comemoração, dando-lhe o mote, é destacar a sua particularidade por ter celebrado o amor e a abertura ao encontro entre povos, na magia da Ilha de Moçambique".

Na projeção de um vídeo gravado, Luísa Antunes referiu que, "enquanto escola portuguesa em território estrangeiro, esta data adquire um significado ainda mais

profundo. Moçambique, país que nos acolhe com generosidade e história partilhada, é também espaço fértil para a cooperação educativa. A nossa missão, neste contexto, vai muito além da sala de aula. É uma missão de construção e de partilha, que se concretiza no apoio à criação de bibliotecas, na edição e distribuição de livros infantis, na formação de professores e bibliotecários, e também no acolhimento de estágios formativos. Tudo isto sob a bandeira de um objetivo comum: fazer da língua portuguesa um instrumento de crescimento, de desenvolvimento e de cidadania".

No seu discurso, António Costa Moura referiu que "a língua portuguesa não é apenas dos portugueses e não é apenas um instrumento de comunicação. É um elo de histórias que se cruzam" e marcam os povos que a falam. Para ele, a língua é um instrumento de construção e "aqui, nesta instituição, que é guardiã de uma língua comum, a portuguesa, são formados,

com reconhecida qualidade, os filhos de moçambicanos e portugueses, e também de muitas outras nacionalidades. Esses jovens terão sempre em comum uma língua que os identifica por onde forem passando ao longo das suas vidas".

Para além do Embaixador de Portugal em Maputo, António Costa Moura, estiveram presentes no evento o Embaixador de Timor-Leste em Moçambique, Luís Miguel Sequeira; o Ministro Conselheiro e Encarregado de Negócios da Embaixada do Brasil, em representação do Embaixador, Rômulo Neves; o Cônsul-Geral de Portugal em Maputo, Fernando Morgado; Conselheira para a Cooperação da Embaixada de Portugal em Moçambique, Helena Guerreiro; Secretária de Embaixada, Marta Leite; Vereador da Educação, em representação do Presidente do Conselho Municipal da Cidade de Maputo, Osvaldo Fakir; Presidente da APEE da EPM-CELP, Carolina Dias, entre outros.

Conjugar artes visuais, literatura, música e teatro

Intercalando os discursos, a arte teve também o seu espaço nas celebrações. Uma dezena de alunos do ensino secundário deu vida à poesia de Luís de Camões, através de uma apresentação encenada que explorou a sua biografia e momentos-chave da sua obra. Os estudantes dramatizaram passagens marcantes como “O Canto de Inês de Castro”, “Despedidas de Bélem”, “A Tempestade” e o célebre encontro com “O Adamastor”, numa atuação rica em emoção e expressividade, que cativou o público e homenageou a grandeza da língua portuguesa.

A encenação foi acompanhada por ilustrações criadas por alunos do ensino secundário de artes — dos 10.º, 11.º e 12.º anos —, que traduziram visualmente a força simbólica e dramática dos versos camonianos. Esta conjugação entre artes visuais e literatura permitiu uma abordagem sensível e criativa à obra de Camões, tornando o exercício não só pedagógico, mas também

artístico. A iniciativa sublinhou o valor da interdisciplinaridade no ensino e o compromisso da escola com a promoção da cultura e do património da CPLP.

Na música, os professores de Música — Agnes Golias, Leandra Reis e Ricardo Conceição — emocionaram a plateia com a interpretação do poema “Com que voz”, de Luís de Camões.





Houve ainda lugar para performance poético-teatral *Amor É Fogo?!*, protagonizada por dois actores, Sufaída Moyane e Horácio Guiamba, sob a direcção de Rogério Manjate, criada a partir dos sonetos de Camões, e produzida sob encomenda do Camões - Centro Cultural Português em Maputo, em celebração do V Centenário do nascimento de Luís Vaz de Camões, em 2025. A estreia foi em setembro último, durante o Curso de Literaturas em Língua Portuguesa, no âmbito da dinamização cultural à volta da efeméride.

A dramaturgia e a encenação deste espectáculo misturaram, deliberadamente, vários estilos e linguagens em busca do equilíbrio entre o texto, o físico e o visual, na procura de uma teatralidade particular. Por isso, conta com um forte apelo à fisicalidade e uma gestualidade simbólica, como meios de interpretação da poesia Camoniana, que incluía poemas tais como "Aquele triste e

leda madrugada", "Alma minha gentil, que te partiste", "Erros meus, má Fortuna, Amor ardente", totalizando 32 sonetos.

O tratamento do texto busca revelar a história de amor entre um homem e uma mulher, uma vez que na poesia lírica do Camões se vislumbra uma figura masculina (o eu poético), que se dirige a uma mulher por quem está cativo. Por isso, quando o homem e a mulher se encontram, na abertura da performance, "Transforma-se o amador na coisa amada, / Por virtude do muito imaginar; / Não tenho logo mais que desejar, / Pois em mim tenho a parte desejada". E essa será certamente a razão do poema que se segue: "Amor é fogo que arde sem se ver", dizem os dois amantes. E é este poema o que dá o título ao espectáculo. Mas como já se sabe: "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades"... "Mas/ como causar pode seu favor/ Nos corações humanos amizade, / Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"

Por isso mesmo, não se trata de uma declamação ou de um recital de poesia. Os versos e as estrofes são transformados em réplicas dialógicas próprias do teatro.





Iniciativas multidisciplinares marcaram evocação de Camões no primeiro ciclo

Abordar Luís Vaz de Camões e os 500 anos do seu nascimento, com alunos entre os 6 e os 10 anos de idade, é um desafio para qualquer profissional da educação, seja pela sua capacidade de compreensão, ainda em construção, seja porque a época em que viveu Camões fica muito longe de qualquer entendimento destas crianças.

Sendo este um dos temas estruturantes do Plano Cultural de Escola, a equipa educativa do 1.º ciclo da nossa escola deitou mãos à obra numa construção conjunta de propostas pedagógicas para o plano de atividades do 3.º período, desenvolvidas numa perspetiva interdisciplinar. Assumida como a estratégia principal para o projeto, o trabalho colaborativo docente foi adotado como meio eficaz para o desenvolvimento do aluno e teve impacto na qualidade das oportunidades de aprendizagem, bem como na motivação para a aprendizagem. Um dos grandes objetivos da iniciativa consistiu em incentivar os alunos para o processo de ensino-aprendizagem através de experiências de aprendizagem de cariz mais prático e lúdico, que despertem e estimulem o seu interesse para as atividades escolares.

Começámos então por palestras no auditório, logo no início

do 3.º período. Em abril aconteceram quatro palestras, uma para cada ano de escolaridade, organizadas pela professora Teresa Jerónimo, coordenadora Pedagógica do 1.º ciclo, sobre a vida de Luís Vaz de Camões, contada como uma história de "Era uma vez..."

A partir destas palestras, apoiadas por um powerpoint construído para o efeito e potinhos de especiarias, a dinâmica passou para as salas de aula. Cada docente, adequando as estratégias aos seus alunos, desenvolveu atividades multidisciplinares, aproveitando a criatividade dos professores coadjuvantes de Artes Visuais e Música.

Como resultado desta concertação de iniciativas pedagógicas, entre várias disciplinas e professores, para dar a conhecer e refletir sobre o legado de Camões, os alunos produziram: trabalhos de expressão plástica em que a figura de Luís Vaz de Camões aparece segundo a visão dos alunos (1.º anos); trabalhos de desenho e pintura em acetato, em que momentos da sua obra "Os Lusíadas" poderão ser encontrados em três dimensões (2.º e 3.º anos); trabalhos de pintura em sacos de pano com motivos alusivos, também sobre momentos icónicos dos "Lusíadas" (4.º ano); poemas de

Camões, musicados, ensaiados e cantados num registo áudio e vídeo que servirá de testemunho intemporal destas atividades, poemas como "Verdes são os campos", "Descalça vai para a fonte", "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades" e "As armas e os barões assinalados" de artistas portugueses contemporâneos, foram abordados nas aulas de Música e aprendidos pelos alunos, depois do trabalho de interpretação desenvolvido nas aulas de Português.

O que esperamos, no final do mês de junho? Que a exposição de trabalhos calendarizada para essa altura, entre o dia 9 e 20 de junho, reflita a aprendizagem efetivamente alcançada. Os alunos poderão demonstrar, através dos seus trabalhos, as aprendizagens construtivas significativas das que são elementos ativos do processo de ensino-aprendizagem para "aprender a aprender", tornando-se construtores do seu próprio conhecimento, onde o professor apenas desempenha o papel de mediador. Isto só se torna possível se o professor proporcionar aos alunos aprendizagens funcionais que lhes permitam colocar em prática tudo aquilo que foi aprendido.

A Coordenadora do 1.º ciclo
Prof. Teresa Jerónimo

Uma semana em que o livro foi rei, a leitura rainha e os leitores os verdadeiros protagonistas



De 31 de março a 4 de abril, a BEJC associou-se à iniciativa do Plano Nacional de Leitura, cujos propósitos são celebrar e incentivar o prazer de ler, promover a leitura e o encontro entre os livros e os seus leitores.

Muitas foram as atividades levadas a cabo em articulação com anos de escolaridade, áreas disciplinares, dirigidas a alunos e à comunidade escolar. Assim, a par da Feira do Livro, decorreram as finais dos concursos de soletração e de leitura expressiva, diversos momentos em que os leitores partilharam e sugeriram as suas leituras, momentos em que Camões imperou, em que a comunidade escolar interagiu com as autoras de "Refugiados, não retornados", Margarida Serralheiro, e de "Wansati", Faira Semá, outros em que os alunos, orientados pela autora Margarida Serralheiro, tiveram a oportunidade de explorar os meandros da escrita e da publicação. De forma a incentivar a leitura e a colocar todos os elementos da comunidade escolar a ler simbólica e individualmente, em qualquer lugar da escola, a meio da semana surgiu a atividade **EPM oLeR+**. Para acabar a semana em beleza, foi lançada a obra infanto-juvenil *Os 3 Corações* de Ndawina que contou com a



participação presencial do autor e virtual do ilustrador, partindo do trabalho efetuado pelo 4.ºC, sob orientação do professor Pedro Camarinho.

Esta foi uma semana de partilha de leituras, de encontros entre leitores e livros, entre leitores e autores, entre leitores e leitores, de alunos daqui com alunos do polo da Beira e da Escola Portuguesa de Cabo Verde, de Pensar (com) Camões e debater ideias, de rir com o teatro da Banana Vaidosa, de soletrar com destreza, de ler em voz alta com expressividade. Enfim, uma semana em que se girou em torno do livro e da leitura com alegria.

Ana Paula Relvas
Coordenadora da BEJC



Gonçalo Bettencourt e Shayrah Suleimane eleitos deputados da EPM-CELP



República que, depois de analisar o Projeto de Recomendação da EPM-CELP, contendo três medidas, elege uma escola representante para a Sessão Nacional no parlamento português, a realizar-se nos dias 26 e 27 de maio de 2025, em Lisboa.

O Parlamento dos Jovens é uma iniciativa da Assembleia da República de Portugal que leva a cabo debates à escala universal, onde quer que se fale a língua portuguesa. Participam desta iniciativa as escolas portuguesas sediadas em Portugal, no círculo da Europa e no círculo Fora da Europa.

Gonçalo Bettencourt (8.º ano) e Shayrah Suleimane (10.º ano) foram as escolhas – de mais de 30 alunos de várias listas – para representarem a EPM-CELP na Assembleia da República portuguesa. O escrutínio aconteceu na Sessão Escolar da EPM-CELP, a 4 de fevereiro, três meses antes da realização da Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens, em Portugal.

A sessão, dirigida pelos coordenadores do 3.º Ciclo, Antero Ribeiro, e do Secundário, Ana Besteiro, e monitorizada pela presidente da

CAP, Luísa Antunes, criou oportunidades de debate, crítica e defesa de meia dúzia de medidas no campo das novas tecnologias e os desafios na educação, numa perspetiva de controlo e implementação.

Enviados os resultados das apresentações da fase escolar, incluindo o relatório de todo o processo e o número de listas concorrentes para avaliação, Gonçalo Bettencourt e Shayrah Suleimane irão, agora, aguardar os resultados do escrutínio do círculo Fora da Europa por parte da Assembleia da





Turmas de ciclos diferentes partilham objetos filosóficos

Recentemente, tivemos uma experiência muito interessante na nossa turma: nós, alunos de filosofia do secundário (11.º ano), apresentámos objetos que consideramos filosóficos à turma A do 4.º ano. Embora possa não parecer uma atividade de grande relevância, a experiência relevou-se muito envolvente para todos os que nela participaram.

A filosofia, muitas vezes vista como uma disciplina complexa e distante, foi abordada de forma mais acessível e divertida. Ao trazermos objetos do quotidiano, suscitámos nas crianças mais novas a associação dos mesmos a ideias "filosóficas". Por exemplo, na minha apresentação mencionei que uma pedra pode servir de metáfora para o conceito de força e resistência, o que, espero eu, fez com que as crianças pensassem na pedra de maneira diferente, não só com a pedra, mas também como tudo aquilo que pode ser associado a ela, tanto fisicamente como simbolicamente.

Este tipo de atividade ajuda-nos a deixar de pensar na filosofia como algo místico e complexo, tornando-a mais próxima da realidade que nos envolve. Esta atividade não foi apenas importante para os alunos do 4.º ano pela forma de encarar a filosofia, mas também para nós, alunos do secundário. Explicar um conceito complexo de uma forma simples é verdadeiramente desafiante, e, ao mesmo tempo, uma forma de aprofundarmos o nosso próprio entendimento. Para mim,

foi uma oportunidade de refletir sobre o quanto a filosofia pode estar presente nas pequenas coisas do dia-a-dia e como conseguimos passar esse conhecimento para outras pessoas, de maneira clara e acessível.

Além disso, a interação entre diferentes faixas etárias pode ser muito enriquecedora para todos. Para os mais novos, é uma oportunidade para ouvirem e conversarem com alunos mais velhos num ambiente de partilha e troca de experiências. Eles podem começar a perceber que a filosofia não é um bicho de sete cabeças, somente entendido por adultos, mas algo que pode e deve ser explorado em qualquer fase da nossa vida. Para mim, pessoalmente, o contato com as crianças reforçou a minha capacidade de comunicação e de empatia, pois tive de adaptar a minha explicação a uma linguagem simples, acessível, mas ao mesmo tempo envolvente.

Por fim, esta atividade proporcionou não só momentos de reflexão, como também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades importantes como a comunicação e o pensamento crítico. Ao ver as crianças a pensarem de maneira diferente e a questionarem o mundo à sua volta, apercebi-me de que a filosofia tem um poder transformador.

Posso dizer que foi uma experiência que nos ajudou a crescer intelectualmente, quer à minha turma, quer às crianças do 4.º ano.

Tahira Ibraimo | 11.º A3



Alunos com certificação DELE

Teve lugar, no dia 26 de março, a entrega oficial de Diplomas de Espanhol como Língua Estrangeira (DELE) a 50 alunos da nossa Escola e de algumas universidades de Maputo, certificados para vários níveis de proficiência da língua. O evento, dirigido pela Embaixadora de Espanha, Teresa Orjales, contou com a presença da presidente da Comissão Administrativa Provisória (CAP) da EPM-CELP, Luísa Antunes, do Embaixador de Cuba em Moçambique, Jorge Luis López Tormo, do chefe da secção cultural da Embaixada da Argentina em Moçambique, Hugo Marín, da representante da Universidade Pedagógica de Maputo, Célia Cossa, de professores e de pais e encarregados de educação.

O exame para obtenção do DELE, cuja finalidade é o reconhecimento das competências em língua espanhola com vista à candidatura a bolsas de estudo e à obtenção de vistos de estudo ou trabalho em Espanha, com validade vitalícia, é realizado na nossa Escola desde 2019.

Essas provas avaliam diferentes competências linguísticas do Espanhol como Língua Estrangeira e são projetados de acordo com as diretrizes do Quadro Europeu Comum de Referência e respetivo manual, ambos do Conselho da Europa. O DELE comporta sete diplomas de outros tantos níveis: A1, A2, B1, B2, C1, C2 e A2/B1, este último de caráter escolar e destinado a alunos dos 11 aos 17 anos de idade. A aprovação em cada um dos níveis depende de exame obrigatório. No caso do nível escolar, os candidatos elegíveis podem receber uma certificação de nível A2 ou B1 em função do seu desempenho nos diferentes testes.

O DELE é um título oficial que certifica o grau de competência e domínio da Língua Espanhola, concedido pelo Instituto Cervantes de Espanha.

EPM-CELP marcou presença no I Fórum Nacional dos Clubes Ciência Viva



Nos dias 4 e 5 de abril, tivemos a honra de representar a Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) no I Fórum Nacional dos Clubes Ciência Viva, que decorreu no Centro de Congressos da Alfândega do Porto, em Portugal. Eu, Inês Lopes, do 8.º E, e o meu colega Muhammad Kan, do 7.º B, participámos, sob a orientação da professora Helena Correia, coordenadora do clube “Mãos na Ciência”.

Este encontro nacional reuniu representantes dos 896 Clubes Ciência Viva existentes de norte a sul de Portugal, bem como das Escolas Portuguesas no Estrangeiro da Rede Pública (EPERP), incluindo Luanda (EPL-CELP), São Tomé e Príncipe (ESTP-CELP), Timor-Leste (EPD-CELP) e, claro, Moçambique (EPM-CELP). O fórum contou também com a presença de diversos parceiros, como instituições de investigação, Centros Ciência Viva, museus e organizações não governamentais.

Foram dois dias intensos, com mais de 1500 participantes e milhares de visitantes. Tivemos a oportunidade de partilhar os projetos desenvolvidos na EPM-CELP e de conhecer trabalhos inspiradores de outras escolas, universidades, laboratórios e instituições científicas portuguesas. A mostra de ciência foi o centro das atenções, mas o programa contou também com várias sessões plenárias e paralelas que abordaram temas muito atuais.

A sessão de abertura, no dia 4, contou com intervenções de figuras importantes, como o Ministro da Educação, Ciência e Inovação, Professor Doutor Fernando Alexandre, Roxana Minzatu (Comissão Europeia), Rosália Vargas (Ciência Viva), David Sousa (DGE) e Fernando Alfaiate (Estrutura de Missão Recuperar Portugal). Nesse dia, decorreram ainda sessões paralelas sobre “o mundo vegetal”, “a química das estrelas” e “como a ciência faz bem à saúde”.

No dia 5, de manhã, assistimos a sessões plenárias com o investigador Alexandre Quintanilha (i3S) e a professora Fátima Carneiro (FMUP), no âmbito do projeto “PÚBLICO na Escola”. À tarde, os temas abordados incluíram inteligência artificial, oceano e micróbios, culminando com um espetáculo interativo e científico do mágico Luís de Matos, com o mote Ciência² = Magia, onde também tivemos oportunidade de participar!

Participar neste fórum foi, sem dúvida, uma experiência enriquecedora. Mais do que mostrar o que se faz na nossa escola, foi um momento para criar e consolidar redes de trabalho, inspirar-nos e aprender com os outros. Uma oportunidade única que guardaremos com grande carinho e orgulho!

Inês Lopes, 8.º E

O poder transformador do robô dos Big 6



As atividades extracurriculares de robótica surgiram graças a uma iniciativa da Associação de Pais e Encarregados de Educação que permitiu estabelecer uma parceria com a empresa moçambicana Stemmoz, viabilizando assim as aulas de robótica na nossa escola.

Neste contexto, formaram-se vários grupos de alunos, entre os quais o Big 6 que, no ano letivo de 2023/2024, integrou os alunos Rafael Valente (11.ºA2), Guilherme Viegas (12.ºB), Rodrigo Martins (12.ºA2), Sofia Ferreira (11.ºA4), Tatiana Ten Jua (11.ºA4) e Bernardo Guita (10.ºA4).

Responsável pela construção da mascote do projeto Mãos na Ciência, o grupo decidiu não lhe atribuir um nome definitivo, adequando-o antes aos diferentes projetos/atividades em que o mesmo viesse a participar.

O robô foi apresentado pela primeira vez à comunidade escolar com o nome "Liberdade", no dia 25 de abril de 2024, associando-se às comemorações dos 50 anos da Revolução dos Cravos na Escola Portuguesa de Moçambique.

De "Liberdade" passou a "Machambeiro" (designação de quem trabalha na machamba), quando a EPM-CELP marcou presença na convenção de STEM no âmbito da agricultura, e onde o nosso "robô" mostrou as suas habilidades nas tarefas agrícolas que executou e a sua versatilidade.

No âmbito deste projeto de robótica, a aluna Tatiana Ten Jua foi selecionada para chefiar a equipa que representou Moçambique na

competição internacional, FIRST Global Challenge 2024, em Atenas, onde alcançou o 44.º lugar num universo de 195 equipas.

As alunas Sofia Ferreira (12.ºA4) e Tatiana Ten Jua (12.ºA4), foram os dois elementos do Big 6 que deram continuidade ao projeto em 2024/2025. Juntas coordenam o grupo de robótica, transmitem o que aprenderam e formam os colegas mais novos no manuseamento do robô Liberdade/Machambeiro, incentivando-os a inovarem e a desenvolverem ainda mais as capacidades da mascote.

Este ano, os alunos Shayrah Suleimane (10.ºA2), Sandreina Amaral (10.ºA1), Tendany Mawanda (10.ºA2) e António Novo (10.ºA2) são os novos rostos da robótica na EPM-CELP.

Os alunos descrevem a participação nesta atividade como uma experiência incrível que "permitiu explorar o funcionamento de grandes maquinarias e até mesmo entender melhor como os aparelhos do nosso dia a dia operam" – Sandreina;

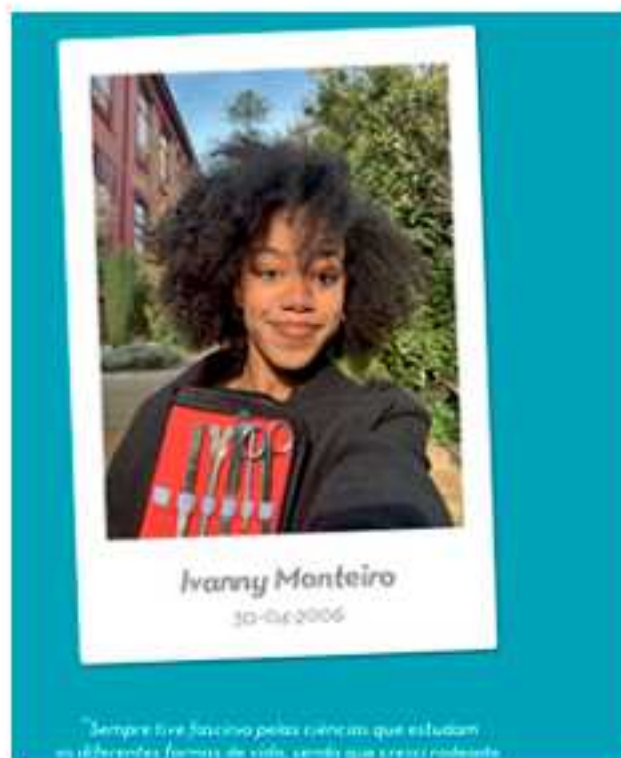
A experiência "tem sido muito enriquecedora (...). Nessas aulas, tenho a oportunidade de aprender sobre eletrónica, programação e mecânica, bem como de aplicar esses conhecimentos na construção e programação de robôs" – disse Tendany.

"Estou a aprender imensas coisas novas, desde os conceitos básicos até outros desafios mais avançados... Trabalhar em equipa e resolver problemas de forma criativa torna tudo ainda mais divertido." – referiu Shayrah Suleimane.

"Cada projeto e cada desafio apresentado ajudam-me a desenvolver novas competências e a aprofundar o meu interesse nesta área. Sinto que esta oportunidade me abre portas para um futuro promissor, pois permite-me explorar, na prática, um campo que sempre me fascinou. Estas aulas motivam-me a continuar a aprender e a evoluir, preparando-me para novos desafios e oportunidades no mundo da tecnologia." – afirmou Tendany Mawanda.

"Sou muito grata por ter tido a oportunidade de participar nesta atividade extracurricular, pois não só ampliou meus conhecimentos, mas também me mostrou como a robótica engloba diversas áreas como Ciência, Tecnologia, Informática, Matemática, etc. Além disso, pude colocar em prática o que aprendi nessas disciplinas, aplicando conceitos teóricos de forma concreta e dinâmica. Essa experiência tem sido essencial para o meu desenvolvimento e despertou ainda mais meu interesse pela inovação e tecnologia." – reiterou Sandreina Amaral.

"Tenho gostado muito das aulas de robótica. Acho que é uma aprendizagem muito importante, porque a tecnologia faz parte do nosso dia a dia, e saber utilizá-la será uma grande vantagem no futuro. É incrível ver como conseguimos criar e programar algo do zero e dar vida a diferentes projetos. Sinto que estou a desenvolver novas competências, que vão ser úteis no futuro." – concluiu António Novo.



Rostos de ex-alunas da EPM-CELP integram o livro "Raparigas na Ciência"



A Fundação Ciência Viva comemorou, a 11 de fevereiro, o Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência – efeméride instituída em 2015 pela Assembleia das Nações Unidas – com o lançamento da 3.ª Edição de "Raparigas na Ciência" no Pavilhão do Conhecimento, na qual participaram Ana Reis e Ivanny Monteiro, duas ex-alunas da EPM-CELP. A dupla participou, antes, em 2024, na Mostra Nacional de Ciência, orientadas pela professora Ana Paula Silveiro.

"Em 2022, a Ciência Viva lançou o primeiro volume do livro "Raparigas na Ciência", que deu a

conhecer os rostos de estudantes que tem demonstrado interesse pelas áreas da ciência e da tecnologia. No ano letivo 2023/2024, as alunas Ana Reis e Ivanny Monteiro, que frequentaram a disciplina de Química no 12.º ano, realizaram projetos escolares de investigação científica que submetidos ao Concurso Nacional de Jovens Cientistas da Fundação da Juventude, em Portugal, foram selecionados para a Mostra Nacional de Ciência, que decorreu em Maio 2024, na cidade do Porto, tendo um desses projetos recebido uma Menção Honrosa de entre os 107 representados", explicou a professora.

Em fevereiro deste ano, Ana Reis e Ivanny Monteiro foram escolhidos para integrarem o 3.º volume do livro, lançado no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa, para assinalar o Dia Internacional das Mulheres e Raparigas na Ciência. "O trabalho e dedicação destas alunas que seguem agora o seu percurso académico em diferentes áreas científicas, é uma inspiração para as novas gerações de estudantes e um contributo para o reconhecimento da importância de envolver as raparigas, desde muito cedo, em projetos em áreas científicas", concluiu Ana Paula Silveiro.

Mãos na Ciência e BEJC juntaram-se pelo Dia Mundial da Água



Realizou-se, no passado dia 24 de março, a atividade de comemoração do Dia Mundial da Água, celebrado a 22 de março e enquadrado na atividade "Cozinha com Ciência", uma parceria entre o Mãos na Ciência e a Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC).

Esta foi uma atividade enriquecedora e muito significativa, proporcionando uma experiência única

de aprendizagem e reflexão sobre o Ciclo da Água. Com uma abordagem lúdica e educativa, o evento, dirigido à turma B, do 2.º ano, cuja titular é a professora Ana Pires, foi (quase) um sucesso.

A atividade começou com a leitura da história "A Menina Gotinha de Água", de Papiniano Carlos, integrada no Plano Nacional de Leitura do 2.º ano, que encantou tanto as nossas "gotinhas" quanto os adultos

presentes. A história, simples e envolvente, narra as aventuras de uma gotinha de água que viaja pelo ciclo da água, passando por rios, nuvens e oceanos. Através dessa bela narrativa, as nossas "gotinhas" puderam entender o percurso da água na natureza, além de recordarem os diferentes estados físicos da água, motivando a empatia e o interesse das crianças.

Após a leitura, foi realizada a experiência de "recriação de uma nuvem", durante a qual os nossos alunos tiveram a oportunidade de visualizar, de forma prática, como ocorre a condensação do vapor de água e, claro, a formação das nuvens. A experiência foi bastante dinâmica e gerou um grande entusiasmo. Claro que a sala estava envolta em água, incolor, azul claro ou mais escuro e até verde (aproveitámos e recordámos as cores primárias e as que resultavam da mistura entre elas) em gobelés e tinas e até balões volumétricos. Não faltaram as pipetas e muito menos os esguichos, a chaleira elétrica e claro, uma taça com gelo.

Findar o período com cultura geral



No dia 4 de abril findou mais etapa do ano letivo 2024-2025, o 2.º período. O Polo da Beira da EPM – CELP decidiu comemorar a data com algumas atividades propostas pelo Departamento de Ciências Exatas, nomeadamente pelo grupo disciplinar da Matemática.

Neste âmbito, as turmas dos 2.º e 3.º ciclo brindaram-nos com jogos e apresentações relacionados com as matérias lecionadas durante o período findo. A turma do 7.º ano fez uma apresentação sobre a importância de saber calcular as percentagens, usando como exemplo o cálculo do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), como forma de alertar os restantes colegas para a importância de pagarem mais um valor acrescentado. Seguidamente, foi realizado um jogo matemático que envolveu turmas do 5.º e 6.º anos, por um lado, e turmas do 8.º e 9.º anos, por outro, que se disputaram amigavelmente entre si. Esta atividade pretendia trabalhar o raciocínio rápido no cálculo mental, obrigando as equipas dos referidos anos a escolher dois alunos para competirem na realização de operações matemáticas, de acordo com os Algarismos que, arbitrariamente, saíam do lançamento dos dados. A atividade decorreu com grande entusiasmo da parte dos alunos, sendo que no 2.º ciclo venceu a turma do 5.º ano, e no 3.º ciclo a turma do 8.º ano.

É gratificante ver os nossos alunos a fazerem progressos nas suas aprendizagens e a divertirem-se enquanto o fazem, pelo que agradecemos o empenho de todos: alunos e professores.



Formação em Excel no Polo da Beira

Nos dias 3 e 4 de abril, realizou-se uma ação de formação de curta duração em Introdução ao Microsoft Excel, para o corpo docente do Polo da Beira, da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa.

A formação, orientada pelo professor José Tomé, teve um caráter eminentemente prático e visou capacitar os participantes para a utilização daquele software, nomeadamente a criação e manutenção de tabelas de classificação de instrumentos de avaliação e de tabelas de classificação de final de período.

A ação realizou-se em horário pós-laboral e contou com uma elevada participação do corpo docente, que manifestou muito interesse e empenho durante todo o período de formação.



Polo da Beira doa mobiliário à AEM

No passado dia 11 de abril, o Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa doou mobiliário escolar à Associação Esperança Moçambicana (AEM).

A doação consistiu em 80 secretárias, 81 cadeiras e 1 estante, que irão contribuir para a implementação do projeto de Biblioteca Comunitária e Alfabetização de Adultos da AEM, que visa promover a educação inclusiva no bairro do Alto da Manga, Beira.

O Polo da Beira da EPM-CELP está a efetuar a modernização do mobiliário, de modo a proporcionar melhores condições de estudo aos seus alunos.

Norma, variedade e cultura da Língua de Camões

Marta Siteo explora a riqueza e diversidade da língua portuguesa, nos seus múltiplos contornos e variedades, o impacto do Acordo Ortográfico e a sua relação com a norma linguística, assim como o utilização da língua ao longo da escolaridade básica e do ensino universitário. A análise discorre, ainda, sobre a força cultural e económica do Português, centrando-se na atualidade de Camões e na sua ligação simbólica com José Craveirinha, num diálogo entre heranças e vozes da lusofonia.

Qual é o seu olhar sobre Camões como figura icónica da língua portuguesa?

Vou partilhar a minha perceção numa perspetiva moçambicana. Eu não sou da área da literatura. Esta surge, no meu trabalho, como objeto de ensino, de análise e também como cultura de consumo. É consensual na lusofonia que Camões é o maior poeta, um escritor com um contributo significativo para a cultura e para a língua portuguesa.

Até que ponto Camões é uma figura proeminente no contexto moçambicano?

Parece-me que cá entre nós não é muito difundida a figura de Camões. Portanto, não temos uma noção clara do que ele representa. Eu tive a oportunidade de estudar Camões, de forma um pouco mais aprofundada,

quando tive literatura portuguesa na faculdade. E só tem esse privilégio quem faz um curso de línguas ou um curso de linguística na Universidade Eduardo Mondlane. A maioria dos alunos fica-se só pelos excertos d'Os Lusíadas quando estuda o classicismo, incluindo a famosa obra "Amor é fogo que arde sem se ver". São as obras mais conhecidas e mais difundidas aqui entre nós. Esse estudo feito nesse contexto, infelizmente não contribui para despertar o interesse e curiosidade pelo autor de forma a permitir que os estudantes se inspirem nele.

Como é que se aborda Camões no contexto educativo de Moçambique?

Muitas vezes o estudo de Camões resume-se às obras a que fiz referência, resume-se à análise dos aspetos

formais, à métrica, rima, às figuras de estilo, muitas vezes sem se considerarem os sentidos que essas figuras de estilo configuram. O mesmo também se dá quando estudamos Os Lusíadas, mais na perspetiva dos próprios conteúdos programáticos de ensino, do que no sentido de cativar o interesse ou de difundir a figura de Camões e o que ele representa na cultura portuguesa.

Ou seja, são mais explorados os aspetos formais do trabalho, sem um interesse intrínseco pelo poeta?

Exatamente! A biografia, a história, a grandeza da sua obra para a língua portuguesa, não são suficientemente explorados. Eu acho que se nós fôssemos à escola secundária perguntar aos alunos quem foi Camões, o que eles sabem sobre Camões, diriam muito pouco. Se calhar, nem

sequer sabem que esteve na ilha de Moçambique...

Qual seria a mais-valia de dar a conhecer uma figura tão proeminente e tão influente como Camões?

Bom, em primeiro lugar, penso que seria fazer justiça à grandeza do seu trabalho. Isso contribuiria também para a formação de cidadãos cultos. Nós temos uma escola, infelizmente, que está muito centrada na informação, na transmissão da informação e não na cultura e na formação de um cidadão com conhecimento das obras importantes, das obras científicas produzidas ao longo da história da humanidade. O grande contributo pedagógico seria também fornecer uma visão, digamos, mais histórica da própria língua portuguesa, porque quando lemos atualmente, temos dificuldade em compreender o português que ali está, que é de uma outra época, não é? Permitiria ter essa visão e, ao mesmo tempo, enriquecer a bagagem cultural dos alunos com a biografia, com a história e com a escrita deste grande homem.

Em Moçambique, referencia algum autor comparável a Camões?

Eu poderia dizer que sim, mas não no sentido de escrever epopeias. Não tenho conhecimento de algum escritor moçambicano que tenha adotado esse género literário. Se calhar até existe isso registado, mas não em literatura, talvez em livros mais factuais, mais informativos, histórias, jornais, por aí fora. Mas há um autor que eu acho que poderia ocupar, na literatura moçambicana, um lugar equiparável ao que Camões ocupa na literatura e cultura portuguesa, que é o José Craveirinha.

E porquê José Craveirinha?

Eu colocaria José Craveirinha nesse lugar pela riqueza e pela complexidade do seu trabalho. Mas, também pela figura... como é que eu posso dizer, por aquilo que ele representa no âmbito da luta contra o colonialismo português. Ele não era negro, mas escreveu os seus textos a partir do lugar de outros negros que também eram oprimidos, tal como ele também era. Embora fosse assimilado, também era oprimido. Foi alguém que usou a escrita para denunciar abusos, para dar voz àqueles que não tinham voz, o contexto em que estava inserido. E fez isso de forma sofisticada, de forma erudita, procurando também trazer elementos da cultura local. Nós encontramos línguas locais nos seus poemas, identificamos aspetos da nossa cultura

acústica, da nossa cultura oral. É alguém que procurou representar de facto a moçambicanidade nos seus textos. Então, por aí, eu acho que ele merece ocupar esse lugar. Há quem diga também que as obras de José Craveirinha fazem parte do cânone literário moçambicano e, para mim, isso faz muito sentido. Por isso as suas obras deveriam ser de leitura obrigatória na escola secundária, entre as de outros escritores relevantes. José Craveirinha terá o seu lugar também assegurado na nossa memória coletiva e na literatura moçambicana. Pelo contexto histórico em que ele emergiu, pela coragem que teve, pela sua história, pela sua trajetória de vida e pelo seu legado cultural, eu penso que merece estar nesse lugar.

Como encara as variações da língua em relação à norma linguística?

Quando se trata de normalização, a ortografia é uma pura convenção. Isso levanta várias questões sobre como incluir esses aspetos da variação e das variantes. Por exemplo, as pessoas de Nampula falam, pronunciam determinadas consoantes de forma muito específica: trocam o "B" pelo "P". Será que na definição de regras ortográficas vamos tentar garantir que, para aquelas pessoas, a consoante "B" seja substituída pelo "P"? Então, as questões normativas na língua são sempre complicadas,

porque a língua é rebelde. Quem faz a língua são os falantes. Os falantes usam a língua de forma bastante criativa e em função de vários aspetos. No entanto, a existência de uma norma também é fundamental. É o que define, por exemplo, um Estado moderno cuja língua exige uma norma. Mas, essa discussão sobre a norma é sempre muito complicada. Porque uma coisa é o que fica registado como norma e a outra são as variações em função do contexto da comunicação, das características e das preferências do próprio falante.

É moçambicana e académica formada em Portugal. Que utilização da língua é mais natural para si?

É uma construção muito mais vinculada àquilo que é a prática cultural do dia-a-dia. O uso acaba por se distanciar sempre de alguma forma daquilo que é a norma, a não ser que eu esteja num contexto bastante controlado como este âmbito da entrevista. Ou então esteja a escrever ou, a fazer uma palestra formal. A utilização controlada da língua, de alguma forma afeta a minha espontaneidade.

Qual é o ideal da língua em termos de expressão?

O ideal é que nós falemos seguindo regras, características normativas. Mas o uso muitas vezes não converge



com aquilo que foi definido na norma. Há questões do uso da língua que, por exemplo, quando estamos a dar aulas de português como língua estrangeira, estão condicionados ao contexto de imersão. Quando um chinês aprende português em Portugal, está num contexto de imersão. Quando um zimbabueano aprende português em Moçambique, está num contexto de imersão. Eles estão expostos ao uso da língua, ouvem várias coisas, várias construções, várias frases. E, na sala de aulas, o professor não tem uma regra gramatical que consiga explicar aquilo que foi dito, aquilo que ele ouviu. O que no fundo poderia ser um conflito intrínseco a qualquer língua.

Então podemos considerar que são os falantes que fazem a língua?

Exatamente. O mais importante para nós, enquanto falantes, e para os guardiões também da "pureza da língua", é a noção de que não existe absolutamente o certo ou o errado. É o contexto que define que variedade utilizar. O mais importante é o falante saber adequar a sua fala ao contexto de comunicação em que está inserido. Não seria apropriado nesta entrevista, ou quando estou a dar aulas, ou a apresentar uma comunicação, usar a mesma variedade que eu uso quando estou no meio familiar.

Podemos, então, concluir que a língua, no fundo, não obedece a uma matriz, sendo esta apenas um referencial?

Exatamente. A língua, enquanto sistema, interessa aos linguistas, àqueles que estudam a linguística teórica, formal. Essa vertente realmente interessa a esse grupo de profissionais. Mas o que molda e define as escolhas dos falantes é o que vão fazer no momento em função do contexto.

O que opina sobre o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa?

As principais discussões, as principais decisões sobre o novo acordo ortográfico foram tomadas entre Brasil e Portugal. Essa é a razão pela qual o objetivo do novo acordo ortográfico não foi cabalmente cumprido. Pretendia-se encontrar uma ortografia comum. Mas continuamos a ter diferenças em questões que estão ligadas à acentuação das palavras: por exemplo, existem palavras que são escritas com determinado acento no Brasil e com outro acento no português europeu. Agora, se nós tivéssemos entrado na discussão, na tomada de decisões sobre como ficariam certas questões, penso que

haveria mais diferenças. Porque há algumas palavras que nós pronunciamos de uma forma que não é igual ao que acontece no português do Brasil, nem igual ao que acontece no português europeu. Penso que o propósito é reduzir a opacidade da ortografia e simplificá-la. No caso de Moçambique, se nós pretendêssemos uma

ortografia mais próxima dos nossos usos linguísticos, talvez tivéssemos mais diferenças, acima daquelas que o novo acordo apresenta hoje.

E no contexto moçambicano, como se enquadrariam as variedades do português num acordo ortográfico?

Para isso nós precisaríamos de ter um conhecimento cabal do que é o português de Moçambique, porque eu estou a falar, por exemplo, a partir do meu lugar, que é Maputo. Eu estou a dizer isto a partir da experiência que eu tenho com falantes de Maputo. Mas mal sei o que se passa noutras geografias, por exemplo, na Zambézia, no norte de Moçambique. O português de Moçambique ainda não está suficientemente descrito em todas as áreas. E sem essa descrição, sem esse conhecimento do que é o português de Moçambique, a padronização é difícil. Fica sempre uma idealização, alguma coisa que ainda estamos longe de alcançar.

Quer dizer que estamos muito mais próximos de uma fragmentação da língua do que propriamente uma unificação ou a língua da unidade nacional?

Não diria que se trata de fragmentação da língua. A língua varia naturalmente. Mesmo o português do Brasil, o português falado em Portugal, não é idêntico, não é homogêneo. Há características que sobressaem, há características do português próprio do norte de Portugal, ou das ilhas, por exemplo. Não é propriamente uma fragmentação, é uma variação que é algo intrínseco e natural da

língua. Até acho que a variação acaba por enriquecer a própria língua.

Na sua opinião, há ou não há diferença entre o ensino da língua no contexto universitário e secundário?

Quanto a mim, há objetivos distintos. O ensino da língua portuguesa no ensino secundário, embora tenha registado alguns avanços nos últimos anos, nomeadamente o facto de a maior parte dos professores que dão aulas de português terem pelo menos licenciatura com formação científica e psicopedagógica em Moçambique. Mas ainda há desafios, o principal dos quais tem a ver com a definição de objetivos educativos mensuráveis que determinem o que vai acontecer na sala de diálogos, na seleção dos conteúdos e dos métodos que os professores vão adotar. Quando olho para os programas, noto que as aprendizagens que se pretendem que os alunos alcancem são definidas de forma muito abrangente. Falta definir descritores muito específicos para as competências que os alunos devem desenvolver ao nível das quatro modalidades de língua. Ao nível da oralidade, compreensão oral, produção oral, compreensão escrita, produção escrita, vocabulário, conhecimento



da norma, faltam descritores muito específicos. E essa ausência de descritores acaba por fazer com que o ensino se centre em questões muito pouco relevantes para os alunos.

E qual é a principal abordagem do ensino, atualmente?

Nós temos um ensino da língua portuguesa muito focado na gramática, por exemplo, na classificação, na metalinguagem, metalinguagem da gramática, identificar o sujeito, nomenclatura de itens da frase,

identificar o sujeito, identificar o predicado, classificar orações, fazer análise morfológica.

Essa abordagem não contribui para formar um falante proficiente, porque não está virada para a comunicação. Os alunos muitas vezes até dominam estas etiquetas, estas categorias, mas não são capazes de produzir um texto, não são capazes de se expressar oralmente, com fluência em contextos de comunicação formal, e apresentam imensas dificuldades na leitura. Nós recebemos estudantes

na universidade com este perfil, que tem estas dificuldades. Então, o nosso foco na universidade tem sido desenhar programas de língua que acabam por compensar as lacunas que os alunos trazem do ensino

secundário, embora reconheçamos que a comunicação na universidade apresenta características próprias. Sempre haveria a necessidade de contextualizar os estudantes no tipo de comunicação, no tipo de textos que se fazem, que são produzidos na universidade, o tipo de textos que são lidos, o tipo de apresentação oral que têm de fazer.

Então, quais são os maiores desafios que se colocam ao ensino?

Temos ainda de ensinar aspetos fundamentais da leitura, da escrita, o próprio conhecimento do funcionamento da língua, porque ensinar aspetos formais da língua não é propriamente ensinar o funcionamento da língua. Quando eu ensinava a passiva, eu ensino os alunos a fazerem o movimento de constituintes: por exemplo "o gato comeu o rato, depois o rato foi comido pelo gato". Isto não é o suficiente para o aluno perceber o que é uma passiva, o que determina que o falante, na hora de escrever, produza uma passiva e não uma ativa. É isto que o aluno tem de compreender, e isto é o funcionamento da língua. Um dos desafios que existem realmente tem a ver com definição de objetivos, definição de foco educativo, definição de estratégias de ensino mais eficazes, que permitam que o aluno seja um falante proficiente, seja um usuário, um utilizador competente da língua portuguesa. Até porque em Moçambique o português é uma ferramenta fundamental para a ascensão de um indivíduo a nível social e

económico. Sem o domínio cabal da língua portuguesa, ficamos muito limitados.

Na sua opinião, que lugar ocupa a língua portuguesa no espaço global?

Bem, as estatísticas indicam que é a quarta língua mais falada do mundo. Penso que a língua portuguesa tem vindo a emergir como uma língua relevante em diversas áreas, nos negócios, na educação, na saúde, a nível mundial, até porque parte dos países que falam a língua portuguesa são considerados países em desenvolvimento, países em vias de desenvolvimento, que têm diversos recursos. Então, para algumas esferas de atividade empresarial e política, o conhecimento da língua portuguesa é fundamental. Tem vindo a ganhar cada vez mais espaço como uma língua global. A maior parte dos países africanos que falam português têm uma população jovem, por exemplo, e isso é um fator muito importante. Têm imensos recursos naturais e o fato de nesses contextos de português ser língua oficial valoriza a própria língua. Como dizia um professor meu, as línguas só são iguais perante Deus, perante os homens. São fatores extralinguísticos os que definem se uma língua é ou não relevante. A língua é o que aproxima os povos, povos que falam línguas diferentes, e que têm costumes e culturas distintas.





Palestra - “Democracy in crisis or Crisis in democracy?”

Na tarde de sexta-feira, 28 de março, decorreu, no Auditório Carlos Paredes da EPM-CELP, uma palestra subordinada ao tema “Democracy in crisis or Crisis in democracy?”. Esta iniciativa, dinamizada pelo professor de Inglês Abubacar Ibraimo e inserida no programa da disciplina de inglês de 12.º ano, teve como destinatários os alunos desse ano de escolaridade.

Foi convidado para falar sobre este tema o Dr. Rodrigo Rocha, advogado moçambicano reconhecido pelas suas intervenções nos meios de comunicação social, que focou a sua intervenção na crise pós-eleitoral em Moçambique de 2024.

Durante a palestra houve espaço para os alunos colocarem inúmeras questões e expressarem as suas opiniões, o que revelou o enorme interesse suscitado por este importante tema da atualidade.



Alunos do 4.º ano jogaram a final de “Acerta no 100”

O Dia Internacional da Matemática foi celebrado no dia 14 de março em todo o mundo e nós decidimos comemorá-lo com um Campeonato entre turmas do jogo matemático “Acerta no 100”. Depois de aprenderem as regras deste jogo matemático, os alunos do 4.º ano praticaram-no em sala de aula, e cada turma escolheu os seus três melhores elementos para participarem no campeonato.

As regras do jogo são simples: cada jogador recebe seis cartas e, destas, escolhe quatro para formar dois números de dois algarismos cada, de modo a que a sua soma seja o mais aproximada possível do número 100. O jogo termina depois de quatro jogadas, ganhando o jogador que obtiver o menor valor na soma das mesmas.

Depois de muitos jogos bem renhidos, demonstrando um bom cálculo mental, os vencedores do Campeonato Interturmas do jogo “Acerta no 100” foram:

- 1.º lugar Maaz Nurmamade (4.ºC)
- 2.º lugar Kenzo Silva (4.ºB)
- 3.º lugar Isis Casimiro (4.ºE).

E assim se comemorou o Dia da Matemática, desenvolvendo o gosto pela Matemática, trabalhando o cálculo mental e ... tentando acertar no 100!



Alunos do 4.º ano participaram no Campeonato do jogo matemá- tico Semáforo

Realizou-se na terça-feira, dia 4 de fevereiro, o Campeonato entre turmas do jogo matemático Semáforo. Depois de aprendidas as regras deste jogo matemático, os alunos praticaram-no em sala de aula, e cada turma do 4.º ano escolheu os seus três melhores elementos para participarem no campeonato.

O jogo, criado pelo matemático inglês Alan Parr, em 1998, tem como objetivo obter uma sequência de três peças da mesma cor, na horizontal, vertical ou em linha oblíqua. O jogador que primeiro conseguir cumprir esse objetivo é sagrado vencedor do jogo. O seu criador estabeleceu as bases do jogo a partir de quatro requisitos: ser fácil de explicar, rápido de jogar, usar componentes simples e ter alguma complexidade. A tática e a estratégia no decorrer do jogo costumam manter as expectativas de vitória dos jogadores até ao final da partida.

Neste campeonato participaram todas as turmas do 4.º ano. À final chegaram três jogadores que jogaram entre si para se decidir quem era o vencedor. Como cada um dos jogadores ganhou um jogo, ficaram os três empatados e em primeiro lugar.

Assim, os nossos vencedores do Campeonato Interturmas do jogo Semáforo foram: Ayden Sachene (4.ºA), Isis Casimiro (4.ºE) e Muazh Haffejee (4.ºD).

Foi uma manhã onde se brincou com a Matemática... mas muito a sério!!



Ação de Formação “Procedimentos de Segurança em Situações de Risco em Recinto Escolar”

No dia 12 de março de 2025, a Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP), em parceria com a Embaixada de Portugal em Moçambique, e através de um militar da GNR destacado na Missão de Assistência Militar da União Europeia em Moçambique (@eumam_mozambique), realizou uma sessão formativa destinada ao seu corpo docente, com o objetivo de sensibilizar e capacitar os professores para a adoção de procedimentos de segurança adequados em situações de risco, nomeadamente em caso de um ataque inopinado ao recinto escolar.

Tendo em conta a importância da segurança no ambiente escolar, esta formação abordou medidas preventivas e reativas face a um cenário de atirador/agressor ativo, permitindo que os docentes estejam preparados para atuar de forma eficaz e contribuir para a proteção da comunidade escolar.

A sessão incluiu as seguintes temáticas:

- Identificação de potenciais ameaças e sinais de alerta;
 - Procedimentos a adotar durante uma situação de agressão ativa;
 - Medidas de confinamento, evacuação e resposta a incidentes;
 - Estratégias de comunicação e coordenação com as autoridades.
- No final da sessão, houve lugar para esclarecimento de dúvidas e discussão de casos.



EPM-CELP oferece uma centena de livros a associação de promoção de leitura

A EPM-CELP ofereceu, no dia 4 de março, à Associação para a Promoção da Leitura na Comunidade, Aprolec, cerca de 100 livros infantojuvenis que fazem parte do seu catálogo editorial.

Estes livros destinam-se às crianças da Escola Primária Completa Alto Enchisa, Namaacha, e serão distribuídos por esta Associação, criada e gerida por jovens e cujo intuito é o de promover a literacia entre as crianças e adolescentes no seio das comunidades.

Depois de receber os livros a Associação endossou-nos uma mensagem que passamos a transcrever:

“Antes de tudo, permitam-me, em nome da APROLEC, expressar a nossa gratidão pelo apoio da vossa prestigiada instituição. Acreditamos que este gesto fará toda diferença para as crianças e merecerá maior atenção... Esperamos oportunamente dar-vos o retorno do impacto que os livros trarão na vida das crianças...!”



EPM-CELP abraçou “Esperança” e “Capulana” no Dia da Amizade

Sob a alçada de São Valentim, decorreu no dia 14 de fevereiro, na EPM-CELP, um momento verdadeiramente especial: os alunos do 1.º ciclo entregaram a duas Associações de Solidariedade moçambicanas – o Projeto Esperança em Marracuene e a Associação Capulana de Ndivinduanne – bens alimentares não perecíveis que foram generosamente doados pelos seus Encarregados de Educação, durante os meses de novembro, dezembro e janeiro.

E porque o dia foi dedicado à amizade, houve uma cerimónia simbólica, mas muito emotiva, onde entre vários discursos e muitas palmas, os delegados e subdelegados de cada turma do 1.º ciclo entregaram também livros doados pelos alunos deste ciclo de ensino aos representantes das Associações – a mãe Olívia e o senhor Fortunato do Projeto Esperança e o professor Rui da Associação Capulana.



EPM-CELP participa no festival comemorativo do 37.º aniversário do College Princess Cinderella

No dia 22 de fevereiro, a EPM-CELP fez-se presente com todas as suas equipas de futsal, aceitando o repto do College Princess Cinderella. A escola aniversariante teve a amabilidade de nos convidar e nós tivemos o maior prazer em estar presentes na comemoração do seu

37.º aniversário.

As equipas orientadas pelos professores Custódio Malenda (Sub 16 feminino), Lino Mahanjane (sub 10, Sub 12 e Sub 14 masculino) e Luís Martins (Sub 16 e Sub 18 masculino) jogaram um futsal de bom recorte e abrilhantaram o evento com boas

exibições que demonstraram o bom trabalho que se tem desenvolvido nos últimos anos.

Estão de parabéns os atletas e os professores.

Os resultados foram os seguintes:

SUB 10 MASCULINO

EPM-CELP	5	0	Maputo
----------	---	---	--------

International School

EPM-CELP	7	1	College
----------	---	---	---------

Princess Cinderella

SUB 16 FEMININO

EPM-CELP	6	0	College
----------	---	---	---------

Princess Cinderella

EPM-CELP	4	0	College
----------	---	---	---------

Princess Cinderella

SUB 18 MASCULINO

EPM-CELP	7	3	College
----------	---	---	---------

Princess Cinderella

SUB 12 MASCULINO

Equipe 1 EPM	2	4	College
--------------	---	---	---------

Princess Cinderella

Equipe 2 EPM	1	3	Maputo International School
--------------	---	---	-----------------------------

SUB 14 MASCULINO

EPM-CELP	7	1	Maputo
----------	---	---	--------

International School

SUB 16 MASCULINO

EPM-CELP	3	1	College
----------	---	---	---------

Princess Cinderella

EPM-CELP	4	1	Maputo
----------	---	---	--------

International School



Intercâmbios desportivos regressam em alta

No dia 15 de janeiro deste ano, tivemos o enorme prazer de retomar, na modalidade de basquetebol e jogando com a Academia de Desportos Vila Olímpica, os intercâmbios desportivos. As saudades que os nossos atletas não tinham destes convívios.

Foram realizados jogos dos escalões de Sub 12 (masculino e feminino) e Sub 16 (masculino e feminino). Com três áreas de competição em simultâneo, foi bom presenciar a alegria e o entusiasmo que só o desporto é capaz de suscitar. Foi um excelente regresso.

Os jogadores, treinados pelos professores Inácio Bernardo e Maria Tomaz, puderam assim, finalmente, colocar em prática tudo o que têm trabalhado ao longo dos treinos.



EPM-CELP recebeu Trichardt School em convívio de futsal e basquetebol

A EPM-CELP recebeu, no dia 1 de março do corrente ano, a Trichardt School for Christian Education para um momento de convívio desportivo com os nossos atletas das modalidades de futsal e de basquetebol.

Numa manhã bem passada, tivemos o prazer de jogar e de nos divertir, em competição renhida, que envolveu todos os grupos-equipa daquelas modalidades, bem como os respetivos professores responsáveis (Custódio Malenda, Inácio Bernardo, Lino Mahanjane, Luís Martins e Maria Tomaz). A assistência também marcou presença com o seu apoio, o que deu maior brilho ao evento, e nos aproximou uns dos outros enquanto comunidade educativa. No futsal a EPM-CELP foi vencedora, enquanto no basquetebol, apesar da nossa enorme evolução no desempenho, foi a vez da Trichardt School conseguir um melhor resultado.



Segunda etapa da Gustave's Cup em rugby

A segunda etapa do torneio Gustave's Cup, na modalidade de rugby, decorreu, no dia 8 de março, no Lycée Français International Gustave Eiffel - Escola Francesa. Foi uma excelente jornada, marcada por uma exímia organização e pelo elevado nível de jogo, intenso e bem interpretado nas diferentes fases e momentos, o que nos mostrou que os jovens jogadores estão com um cada vez melhor desempenho.

Mais uma vez, os nossos alunos marcaram presença, integrando as equipas combinadas de sub 14 e sub 17 masculinos, ao abrigo do nosso protocolo com a Escola Francesa.

Alinhou, pelos sub 14, António Rocha. Pelos Sub 17, jogaram Gabriel Viçoso, Guilherme Ferreira, Henrique Leitão e Tiago Santos.

Os resultados foram:

Sub 14 Masculino

LFIGE+EPM-CELP 0:3 Mafalala Rugby Clube
LFIGE+EPM-CELP 2:2 Hulene Rugby Clube

Sub 17 masculino

LFIGE+EPM-CELP 1:1 Khongolote Rugby Clube
LFIGE+EPM-CELP 2:2 Maputo Rugby Clube
LFIGE+EPM-CELP 1:2 Hulene Rugby Clube



“Mabuko Ya Hina” participou na Conferência da CULTIV'ARTE

No passado dia 13 de fevereiro, a docente da EPM – CELP e Coordenadora do Projeto “Mabuko Ya Hina (Os Nossos Livros)”, Ana Albasini, participou na Conferência subordinada ao tema “O Livro em Moçambique – Cadeia de Valores”, organizada no âmbito do Projeto CULTIV'ARTE, que teve lugar no Centro Cultural Franco-Moçambicano.

O Projeto CULTIV'ARTE pretende promover o setor cultural em Moçambique, sendo uma iniciativa da União Europeia, implementada pela Expertise France, em parceria com o Ministério da Cultura e Turismo.

Ana Albasini foi convidada para participar num Painel da Conferência subordinado ao tema “Educação e Sensibilização para Promover a Cultura da Leitura”. Este painel, moderado por Eduardo Quive, contou, também, com a participação de Susana Damasceno, Presidente da ONGD AIDGLOBAL, e Constance de la Ruelle, Presidente da Associação Chapateca.

Na sua intervenção, Ana Albasini falou dos objetivos deste Projeto e da sua abrangência geográfica e ao nível das ações levadas a cabo. Falou da promoção de uma cultura de leitura, através da criação de Bibliotecas Escolares, fixas e móveis, em escolas públicas e comunitárias do Sistema de Ensino de Moçambique.

A participação na

Conferência foi um momento bastante rico de partilha de experiências e uma valiosa oportunidade para se

criarem sinergias, em prol da promoção da leitura.



“Mabuko Ya Hina” promove reunião de diretores

No arranque do ano letivo das escolas do Sistema de Ensino de Moçambique, o projeto da EPM-CELP, “Mabuko Ya Hina (Os Nossos Livros)”, priorizou a realização de uma reunião com os Diretores das escolas que integram este projeto.

O encontro com os diretores aconteceu na sala de reuniões da EPM-CELP, no dia 28 de fevereiro do corrente ano, contando com a participação de 21 diretores.

A presidente da CAP da nossa escola, deu as boas-vindas aos participantes, desejando-lhes um bom ano escolar. Na sua intervenção, Luísa Antunes incentivou a dinamização das bibliotecas escolares e

maletas de leitura, enquanto recursos fundamentais para o desenvolvimento das literacias.

Nesta reunião, Ana Albasini, coordenadora do projeto “Mabuko Ya Hina”, a colaboradora Rosário Chaveiro e os diretores das escolas avaliaram os constrangimentos ainda existentes, ao nível da gestão e dinamização das bibliotecas escolares e maletas de leitura, tendo-se discutido possíveis estratégias para superar as dificuldades.

A presença massiva na reunião dos Diretores das escolas que integram o Projeto “Mabuko Ya Hina”, dos distritos de Maputo.



“Mabuko Ya Hina” comemora Semana da Leitura e Dia Internacional do Livro Infantil

No passado dia 2 de abril, o Projeto da EPM - CELP “Mabuko Ya Hina (Os Nossos Livros)” comemorou a Semana da Leitura e o Dia Internacional do Livro Infantil, com o lançamento da publicação “A Maior Flor de Moçambique”.

“A Maior Flor de Moçambique” é a terceira publicação do Projeto “Mabuko Ya Hina” e é o resultado da dinamização de um Workshop de Leitura e Escrita Criativa, na Escola Primária Completa da Imaculada, no âmbito da exploração do tema do Projeto Cultural de Escola da EPM - CELP, “Desenvolvimento Sustentável da Humanidade”.

Tudo começou em setembro de 2022, com a apresentação da obra “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago. Esta obra foi lida, interpretada e recriada por alunos da 5.ª e da 6.ª Classes, os quais, a partir do texto de José Saramago, criaram a história “A Maior Flor de Moçambique”.

Em novembro de 2022, a história foi dramatizada por estes alunos no 23.º Aniversário da EPM - CELP e, depois, deu-se continuidade à exploração do tema “Desenvolvimento Sustentável da Humanidade”, com a dinamização de atividades propostas na obra de José Saramago. Os alunos estudaram a constituição das flores, visitaram o Sari Garden Center e plantaram, na sua escola, flores e



vegetais.

Em parceria com alunos e professores da EPM-CELP, participaram, também, num jogo de cartas, alusivas aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, e num campeonato de Ntxuva, um jogo tradicional moçambicano.

Após 2 anos de muito trabalho e de muitas aprendizagens, “A Maior Flor de Moçambique” foi publicada e procedeu-se ao lançamento do livro numa cerimónia que decorreu no Auditório Carlos Paredes da Escola Portuguesa de Moçambique.

A docente da EPM-CELP e Coordenadora do Projeto “Mabuko Ya Hina”, Ana Albasini, contextualizou o evento, falando sobre as atividades dinamizadas com os alunos da EPC da Imaculada e sobre a criação da história “A Maior Flor de Moçambique”; a então Diretora da EPC da Imaculada, Maria de Lourdes Costa, abrilhantou a cerimónia, com um maravilhoso discurso sobre o impacto do Projeto junto dos alunos;

os alunos Liana Tsambe e Egídio Fumo falaram sobre a experiência vivenciada e as aprendizagens realizadas; a Presidente da CAP da EPM-CELP, Luísa Antunes, encerrou o evento, incentivando os alunos a darem continuidade às atividades de leitura e escrita.

Na cerimónia de lançamento da publicação “A Maior Flor de Moçambique”, projetou-se, ainda, um vídeo, produzido pela Colaboradora Rosário Chaveiro, alusivo aos trabalhos realizados com os alunos da EPC da Imaculada. Esta cerimónia contou com a presença dos alunos desta escola e respetivos encarregados de educação e da turma da 5.ª Classe da Escola Comunitária Rainha da Paz, com a qual se está a dinamizar um novo Workshop de Leitura e Escrita Criativa.

O evento terminou com um forte incentivo à leitura, oferecendo-se a todos os alunos e convidados um exemplar da obra “A Maior Flor de Moçambique”.



Da “Tempestade” a um sonho poético!

A história de Manuel Nhaca é testemunha de como a educação pode moldar e transformar uma vida. Natural de Maputo, Singathela, na Matola, Manuel sempre teve uma relação com o mundo da literatura. No entanto, foi apenas ao ingressar na Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), em 2014, que ele encontrou o ambiente e as condições que permitiram fazer florescer o seu talento pela poesia.

Antes de chegar à EPM-CELP, as suas raízes estavam na Escola Primária Completa do Bairro Singathela, onde viveu a sua infância. A vida naquele bairro suburbano da Matola – uma realidade mais simples e modesta – contrastava profundamente com o ambiente da EPM-CELP, onde ele se viu rodeado por colegas de diferentes classes sociais, com condições financeiras bem mais favorecidas. Para ele, foi um choque. O acesso a lanches e outras “pequenos luxos” foram diferenças que o marcaram.

Recuando no tempo, a história de Manuel é sinónimo de coincidência, ou talvez sorte, se o quisermos admitir. É que, durante um fim de ano, foi convidado pelo tio a passar uns dias na Ilha de Inhaca, onde este trabalhava num “lodge”. Mas, em vez de levá-lo para casa, este manteve-o no local de trabalho, o

que inicialmente causou estranheza. “Foi aí onde conheci Sérgio Veiga, patrão do meu tio. Ele gostou muito de mim, embora não tenha dito nada na altura”, conta.

E o tempo passou. Quando Sérgio Veiga regressou a Maputo, ligou ao tio e pediu para que, numa próxima viagem à cidade, o sobrinho passasse pela sua casa. Assim aconteceu; durante o ano letivo, Manuel acabou por esquecer-se de Sérgio Veiga, mas o inverso não aconteceu. Este voltou a contactar o tio, pedindo que o sobrinho fosse buscar um presente, por ter passado de classe. Nesse reencontro, Sérgio apresentou o jovem ao amigo Jorge Morgado, elogiando o seu desempenho escolar.

Jorge Morgado passou, então, a apoiá-lo financeiramente, ajudando com os custos da Escola. Mas, enquanto a decisão sobre a

nova escola não era certa, Manuel manteve-se matriculado também no ensino secundário público, o que resultou na perda dessa vaga após a confirmação da vinda para a EPM-CELP.

Do sonho à realidade!

Foi na EPM-CELP que a vida de Manuel se transformou. Foi durante uma aula de Português com a professora Margarida Cruz, que o amor pela literatura e pela poesia se revelou. A tarefa de imaginar-se na tempestade descrita nos *Lusíadas* de Luís de Camões tornou-se o seu primeiro passo para a criação literária. Em vez de escrever um simples texto, como solicitado pela professora, Manuel transformou sua experiência em versos. O poema resultante, intitulado “A Tempestade”, não só encantou a professora, como também o inspirou a continuar a explorar o universo da

poesia.

"Entusiasmei-me quando escrevi 'A Tempestade'. Foi um poema de sucesso, felizmente, porque foi o arranque, não é? Lembro-me que o segundo poema não foi assim tão bem-sucedido quanto foi o primeiro, mas ainda assim, não sei se tem a ver com o tema que foi o clamor. E todos os poemas foram publicados no site da Escola, na Ponta da Língua", lembra Manuel.

O momento foi, por isso, decisivo. Apesar de ser um estudante com aptidão para outras áreas, como as ciências, foi a literatura, em particular a poesia, que chamou a sua atenção. As dificuldades enfrentadas ao tentar se adaptar ao novo sistema de ensino – e à complexidade da língua portuguesa – não impediram o seu crescimento. Pelo contrário, Manuel viu nelas uma oportunidade de se desafiar e se aprimorar, tornando-se cada vez mais dedicado à escrita.

O papel da EPM-CELP no desenvolvimento da Identidade Literária.

A transição para o ensino secundário, particularmente ao chegar ao 9.º ano, foi um ponto de inflexão na sua trajetória. Decidir entre as humanidades e as ciências foi uma escolha difícil, mas ele não hesitou: preferiu enfrentar as disciplinas de ciências e matemática, que eram tradicionalmente vistas como mais exigentes. Contudo, ao longo dos anos, ficou claro que a sua verdadeira inclinação era para as letras, e foi neste campo que encontrou o seu propósito.

Além disso, a EPM-CELP desempenhou um papel crucial na sua formação, não apenas como instituição educacional, mas como um ponto de encontro cultural que lhe permitiu refletir sobre a sua

identidade e as suas influências. A convivência com colegas de diferentes origens e culturas também o ajudou a expandir suas referências, o que se refletiu na sua escrita. Poemas como "Influências", escritos em 2018, abordam essas questões de identidade e de como ele foi, de certa forma, moldado por sua experiência na Escola.

De estudante a poeta: o caminho da publicação.

A paixão pela escrita intensificou-se ao longo dos anos, e quando chegou ao 12.º ano, Manuel já tinha uma visão mais clara do seu futuro como poeta. Foi quando começou a compor um conjunto de poemas que seriam reunidos no seu primeiro livro, "O Meu Moçambique". Este processo não foi linear, e o autor reconhece que o trabalho árduo e as dúvidas constantes, como os ajustes na construção das palavras, foram parte da sua jornada. A professora Olga Pires, que o acompanhou durante o 12.º ano, teve um papel importante em orientá-lo nesse processo, ajudando-o a aprimorar sua escrita.

Embora ainda estivesse em busca de seu lugar no mundo da literatura, Manuel sempre se viu como parte de algo maior. O impacto da EPM-CELP foi profundo, e ele reconhece que sem a escola, sem o apoio e as oportunidades que teve aqui, sua obra literária não teria o mesmo contexto ou a mesma profundidade. Mas não foi tudo mar de rosas. Optar por seguir a carreira literária também significou renunciar a outras disciplinas que poderiam ter garantido uma maior estabilidade financeira, como as ciências exatas ou até mesmo as artes plásticas. A paixão pela literatura e pela arte, em geral, muitas vezes fez com que ele sacrificasse tempo de estudo para se dedicar

à escrita. Não que Manuel tenha negligenciado completamente outras áreas, mas a poesia sempre foi sua maior paixão. Isso o levou a uma reflexão sobre como a arte, especialmente a literatura, exige um compromisso profundo, um sacrifício de outras partes da vida.

"A arte é trabalho. Agora que estou dentro da arte, na literatura, vejo que preciso de tempo para ler e para escrever, para buscar inspiração. Não é uma brincadeira, não é algo que é banal, não é como a sociedade parece ver", esclarece.

O futuro: um poeta à procura de reconhecimento.

Quando questionado sobre as suas ambições literárias, Manuel diz que se inspira em figuras como Fernando Pessoa e Mia Couto. Para ele, ser poeta não é apenas uma questão de fama, mas de reconhecimento do esforço e da dedicação ao processo criativo. O seu objetivo não é viver apenas da literatura, mas chegar a um ponto em que a sua obra seja apreciada e reconhecida, não só em Moçambique, mas no mundo.

O seu pseudônimo, Clemente Clementina, é uma expressão das suas complexas referências culturais e da sua busca por uma identidade própria, assim como o é o seu próprio nome. A poesia de Manuel uma carga simbólica que dialoga com as questões de pertença, identidade e as contradições da sociedade moçambicana.

Ao olhar para o futuro, o poeta não só deseja continuar a escrever, mas também a contribuir para um panorama literário mais diversificado, com uma voz única que ecoe as suas experiências e as suas influências.





EPM-CELP lança “Os Três Corações da Ndwina”

Que não nos deixe mentir o autor de “Os Três Corações da Ndwina”, novo livro infantil do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes, publicado pela nossa editora, quando afirmamos que o mesmo traça, ingénua e criativamente, uma infinidade de possibilidades que se abrem diante de cada uma das situações com que nos deparamos no nosso dia-a-dia. A partir de uma premissa ligada à anatomia do polvo, Ndwina – personagem da história – leva-nos aos caminhos dos dilemas emocionais e existenciais ao imaginar-se com mais de um coração e confrontada com os desafios e complexidades inerentes a essa situação. “Como é possível um animal ter três corações? Se com um coração já sou tão indecisa, imagina como seria a vida se eu tivesse que decidir entre os três?”. Esta história continua a percorrer a mente

curiosa da personagem Ndwina, que já havia conquistado o público em “Porque é um livro mágico”, do mesmo autor.

Um texto que se lê com um sorriso sempre presente e um livro que se desfruta pela combinação do

enredo e das imagens belíssimas de Maurício Negro”, avançou a nota da editora do livro.

O autor tem publicado vários livros que exploram temas profundos com uma linguagem acessível para os mais jovens, sempre buscando recriar o imaginário da infância.

Esta história, por exemplo – que é, sobretudo, um relato de emoções e não uma narrativa no sentido clássico do termo – começa, ao de leve, preparando o leitor para uma viagem que se inicia numa sala de aulas, na disciplina de Ciências Naturais: “Numa sexta-feira, durante a aula de ciências, a professora contou para a turma que os polvos têm três corações. Ndwina, que era uma menina muito curiosa, ficou abismada. Não conseguia parar de pensar naquela descoberta inesperada”.

E pela voz de Ndwina são-nos reveladas as interrogações e as ilusões que a ingenuidade permite fabricar na busca de respostas satisfatórias para as mesmas. Pedro Pereira Lopes capta o poético que anda nas pequenas coisas e transmite-nos esse elo invisível numa linguagem sedutora e envolvente. Neste trabalho, uma vez mais, a sua escrita é ampliada e enriquecida com as ilustrações de Maurício Negro, numa outra poesia visual.

A apresentação de “Os três Corações de Ndwina”, mais um livro publicado pela EPM-CELP, foi um evento memorável que celebrou a imaginação, a literatura e a importância dos livros na formação dos jovens leitores, ao mesmo tempo em que destacou o trabalho de dois grandes nomes da literatura e da ilustração.

A cerimónia foi conduzida pelos alunos do 4.º E da EPM-CELP e teve como público-alvo os estudantes da escola anfitriã, assim como os alunos da Escola Portuguesa de Moçambique – Polo da Beira e da Escola Portuguesa de Cabo Verde, que acompanharam a sessão à distância.





Ruwan Visnudas, 11.º A1

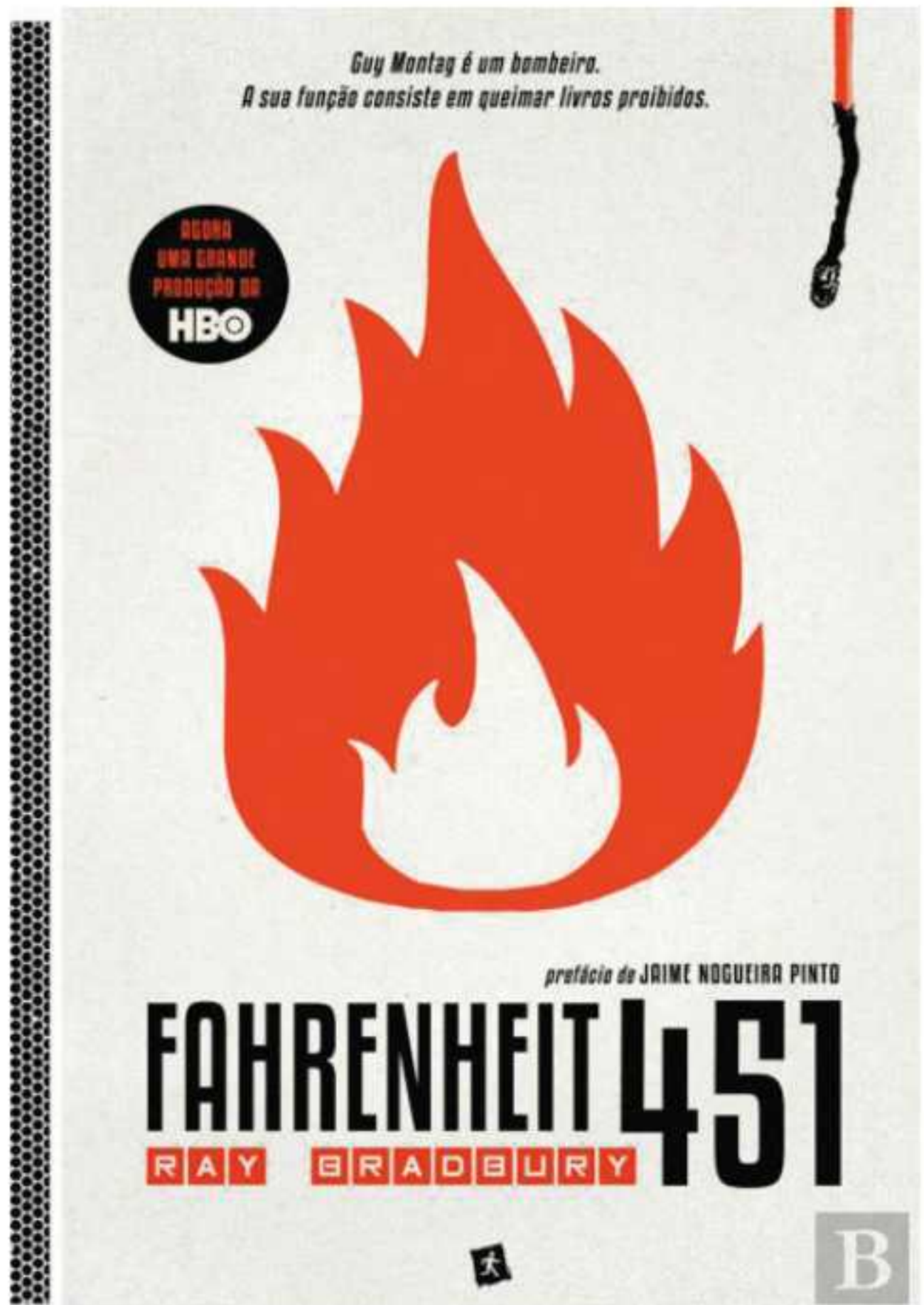
Fahrenheit 451, de Ray Bradbury

Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, é uma distopia muito interessante e que nos faz refletir. Conta a história de uma sociedade onde os livros são proibidos e queimados por bombeiros, como o protagonista, Guy Montag. No início, ele cumpre rigorosamente o seu trabalho sem questionar, mas, ao conhecer uma jovem diferente, Clarisse, começa a ver o mundo de outra forma e percebe que algo está errado.

Este livro critica a censura, o controlo da informação e a forma como as pessoas se deixam levar pelo entretenimento fácil, esquecendo-se de pensar por si mesmas. Apesar de ter sido escrito em 1953, é uma obra atual, com críticas aplicáveis à sociedade atual, tal como o vício em telas e falta de conversas profundas.

A escrita de Bradbury é cheia de imagens fortes e símbolos, como o fogo que representa tanto a destruição como a esperança de renascimento. O seu estilo de escrita torna a leitura muito envolvente e interessante, fazendo com que as pessoas não queiram parar de ler o livro. Além disso, como o tema continua atual, mostra-nos como o autor tinha uma visão à frente do seu tempo.

No entanto, algumas partes da narrativa podem parecer um pouco confusas devido à rapidez com que se desenrolam. Por outro lado, algumas personagens poderiam ter



sido mais trabalhadas. Apesar disso, a obra continua a ser praticamente perfeita e provoca um impacto na vida das pessoas, levando à reflexão sobre os temas tratados na obra.

Concluindo, Fahrenheit 451 é uma obra muito interessante, com

críticas sociais que são atuais e com uma escrita cativante que traz vontade de ler. Os aspetos negativos não são tão relevantes e não tiram a grandiosidade da obra. Este livro deixa a seguinte mensagem: se deixarmos de ler, de questionar e de sentir, arriscamo-nos a viver num mundo vazio.



APEE: um percurso de construção coletiva

Em dois mandatos marcados por desafios, criatividade e construção de pontes, a Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE) da EPM-CELP tem consolidado o seu papel como elo vital entre famílias, direção, professores e alunos. Da resposta ágil durante a pandemia à implementação de projetos estruturantes como a Feira do Futuro, a APEE afirma-se hoje como um espaço de diálogo, corresponsabilidade e ação concreta.

Qual tem sido o percurso da APEE até agora e quais os principais marcos?

A APEE teve, ao longo dos últimos mandatos, uma intervenção muito ativa na Escola, principalmente durante o período mais difícil da pandemia, em que houve uma grande articulação com a direção da Escola para apoiar alunos, professores e famílias. Com o regresso à normalidade, o foco passou a ser a consolidação de algumas iniciativas e a criação de novas formas de envolvimento dos pais, como a dinamização de eventos, apoio às atividades escolares e o reforço da comunicação com as famílias.

Em suma, foi uma aprendizagem. Uma aprendizagem entre nós, dentro da própria associação, e também no contacto com a direção da Escola. Fomos ganhando confiança mútua, construindo uma equipa alargada que integra pais, professores, direção e alunos. Essa tem sido a nossa visão: trabalhar em conjunto, com exigência e cumplicidade. Relativamente à equipa do primeiro mandato, houve saídas e entradas na equipa, o que trouxe novas perspetivas e ideias. Agora, com este segundo mandato, estamos a consolidar projetos como a Feira do Futuro, dirigida ao final do terceiro ciclo e secundário, e os álbuns de turma no final do primeiro ciclo, que celebram uma etapa importante na

vida escolar das crianças.

Quais têm sido os maiores desafios enfrentados?

Um dos maiores desafios é o envolvimento dos pais. Há uma perceção clara de que muitos pais não entendem bem o papel da associação. Pensam que serve apenas para reclamações ou para questões administrativas, quando, na verdade, é um espaço de construção coletiva, de participação ativa na vida escolar dos filhos. Outro desafio é a sustentabilidade das ações. Até aqui, muito do que se fez foi com base na boa vontade, no esforço pessoal dos membros. Precisamos de um modelo mais sustentável e com contribuições regulares, para que possamos ter meios e garantir continuidade.

Também temos o desafio da comunicação. Muitos pais andam distantes. Mesmo com o WhatsApp, o Facebook e o Instagram, percebemos que a informação nem sempre chega. Há pais que dizem: “Não soubemos da iniciativa” — mesmo quando comunicamos com antecedência. Isso gera frustração. Tentamos quebrar esse paradigma, fazer com que os pais voltem a entrar na escola.

Devemos entender que a educação dos nossos filhos é uma responsabilidade partilhada: não é só da escola, nem só dos pais.

Como lidaram com esses desafios? Houve momentos de dúvida ou de pensarem em desistir?

Todos tivemos momentos de frustração e desânimo. Mas como equipa, conseguimos dar suporte uns aos outros. Sabemos que estamos aqui por um bem maior: os nossos filhos. Quando pensamos as iniciativas, tentamos sempre que façam sentido tanto para as crianças como para os pais, e avaliamos o que pode ser melhorado para a próxima vez. Já houve várias atividades com pouca adesão, o que nos faz refletir sobre as estratégias de comunicação e também sobre o envolvimento dos pais. Seria ótimo se os pais também nos dessem mais feedback: os desafios que enfrentam com os filhos muitas vezes são comuns, e isso seria uma mais-valia para todos.

Que aprendizagens destacam da experiência do último mandato? Há algo que fariam diferente hoje?

A principal aprendizagem é que tudo se constrói em conjunto. Com escuta, flexibilidade e diálogo, conseguimos chegar mais longe. Hoje damos mais valor às dinâmicas internas da escola e à escuta ativa — dos pais, dos alunos, da direção. Talvez reforçássemos ainda mais os mecanismos de comunicação. Acreditávamos que estávamos a chegar à maioria, mas não era bem assim. Aprendemos

que não basta informar — é preciso envolver.

A escola é um espaço vivo, feito de relações. Como descreveriam o vosso papel na construção de pontes entre pais, professores, direção e alunos?

Acreditamos numa escola que se constrói com todos. Trabalhamos lado a lado com a direção, em espírito de equipa, mas também com exigência — cada um no seu papel. Tentamos que os nossos filhos se orgulhem da escola onde estão. E que os pais, enquanto comunidade, se vejam como parte ativa da educação. A relação escola-família é decisiva para que isso aconteça.

Procuramos sempre ouvir os pais — os nossos canais estão abertos, por e-mail ou mensagem privada. Dentro da associação há pivôs por ciclo que fazem essa ponte com a escola. Não podemos todos falar ao mesmo tempo, e por isso respeitamos os canais formais. Também não alimentamos rumores: agimos com base em factos. Acreditamos que isso não só fortalece a confiança, mas também permite uma atuação mais eficaz.

Somos pais, como os outros, mas com uma missão de ajudar a criar um ambiente de diálogo e de corresponsabilidade. Essa estrutura tem-nos permitido antecipar problemas, propor soluções e facilitar a comunicação entre todos os envolvidos.

Que prioridades estabelecem para este novo mandato?

Consolidar projetos existentes e criar outros que respondam a novas necessidades. A Feira do Futuro, por exemplo, é para continuar. Também queremos reforçar os momentos de transição entre ciclos, apoiar os alunos e famílias nessas etapas.

Além da continuidade das atividades desportivas e culturais, queremos valorizar momentos como as "Masterclasses", que são muito apreciadas pelos pais. Pensamos até em torná-las mais visíveis fora da escola e, quem sabe, encontrar formas de gerar algum fundo para apoiar outras atividades escolares. Não seria com objetivo de lucro, mas para garantir recursos que hoje são limitados.

As prioridades mantêm-se: o bem-estar das crianças — na escola e no seu percurso mais alargado de vida. Temos um plano de ação com foco em várias dimensões. Uma delas é a alimentação saudável. Já começámos a trabalhar com a escola nesse sentido. Outra prioridade é a adolescência: estamos a preparar um



ciclo de debates com os pais para discutir temas sensíveis e procurar estratégias conjuntas.

Há planos para reforçar a literacia financeira no ensino secundário, desenvolver momentos de auto-conhecimento e desenvolvimento pessoal para os alunos e dar maior visibilidade às atividades artísticas da escola. Outra frente é o uso do telefone na escola. É um tema delicado. Há várias opiniões divergentes e, por isso, temos optado por não tomar uma posição radical. Mas temos a ambição de promover uma reflexão alargada, envolvendo pais, alunos e a escola.

Se sabemos que há comportamentos prejudiciais ao crescimento equilibrado das crianças e dos jovens, enquanto educadores — e aqui falamos tanto da escola como das famílias —, temos a responsabilidade de intervir. Não se trata de impor de forma abrupta, mas de sensibilizar, criar espaço para o debate e, quem sabe, alinhar regras escolares mais claras, ainda que respeitando a autonomia de cada família.

A vossa atuação tem ajudado a resgatar a ideia de que a escola é de todos. Como pretendem cultivar essa consciência entre os pais e encarregados de educação?

Queremos reforçar a escuta. Saber o que os pais sentem, quais são os seus desafios. Muitas vezes há problemas comuns, e só juntos conseguimos enfrentá-los. Queremos que os pais se sintam parte — e não apenas destinatários — das nossas ações. Por isso, é preciso cultivar a corresponsabilidade. Quando os pais percebem que podem contribuir — não só com críticas, mas com ideias e com presença — tudo muda.

Qual é a mensagem que deixam para os pais que ainda não participam ativamente?

A vida escolar dos filhos é mais do que notas e disciplinas. É feita também de afetos, relações, crescimento. E os pais fazem parte disso. Não é preciso fazer muito: basta estar, escutar, participar um pouco. Os filhos sentem quando os pais se interessam — e isso faz toda a diferença.

O apelo que fazemos é simples: participem. A escola não é um lugar distante. É uma extensão da casa, da família. Mesmo com pouco tempo, é possível contribuir

— ouvindo, estando presente, partilhando preocupações e ideias. Estamos cá para facilitar esse envolvimento. E quanto mais unidos estivermos, melhor será a escola para todos.

COMUNICAÇÃO

A APEE tem feito esforços constantes para manter os encarregados de educação informados — por WhatsApp, e-mail, site da escola e plataformas como o Inovar. Ainda assim, nota-se falta de envolvimento. Mas nós não somos um muro de lamentações. Somos um elo de ligação. Há pais que desconhecem o site da escola ou sequer consultam as comunicações básicas, como o câmbio mensal.

ALIMENTAÇÃO

Uma das prioridades atuais é a melhoria da cantina escolar e a promoção de uma alimentação mais saudável. Já foram dados passos concretos este ano e, para o próximo, pretende-se consolidar essas mudanças. O objetivo é oferecer refeições mais equilibradas e reforçar a educação alimentar dos alunos desde cedo, com o apoio da escola e das famílias.

DESPORTO

A presença dos pais continua muito abaixo do esperado. Quando há desporto escolar, os pais das outras escolas estão lá. Nós temos que andar quase a pedir aos nossos pais para virem. Não há nada melhor do que o nosso filho sentir que temos orgulho dele. A escola divulga as competições e a associação reforça a comunicação, por isso a falta de comparecimento não pode ser justificada por falta de informação.

ARTES

A escola tem uma oferta rica em atividades culturais: exposições, produções artísticas, música, teatro, dança e até iniciativas de cinema. Muitas dessas ações envolvem alunos de várias idades, mas não chegam a ser valorizadas fora do ambiente escolar. Há trabalhos com muita qualidade que não são vistos porque muitos pais não aparecem. Há vontade de retomar eventos suspensos pela pandemia e de promover mais espaços de partilha entre os alunos e as famílias.

A liberdade

A liberdade é dos conceitos que vemos tratado em análises filosóficas, psicológicas, políticas e legais, mas também um valor exigido por aqueles que, vivendo o dia a dia a conhecem ou reclamam pela inerência da sua existência como um direito.

Segundo a filosofia, liberdade é o conjunto de direitos de cada indivíduo, seja ele considerado isoladamente ou em grupo; é o poder que qualquer cidadão tem de exercer a sua vontade dentro dos limites da lei. Jean-Paul Sartre tem a liberdade como um conceito central do Existencialismo, corrente filosófica que enfatiza a liberdade individual, a escolha e a responsabilidade pessoal, traduzindo-o na sua conhecida frase "o homem está condenado a ser livre". Traz a ideia de "condenação" à liberdade não como um castigo, mas antes como a responsabilidade pela nossa própria existência e pela nossa criação. Somos livres para definir quem somos e o que fazemos do mundo. O sucesso ou fracasso dos seus atos é da sua completa responsabilidade, não lhe sendo, por isso, permitido culpar os outros ou as circunstâncias pelos seus atos, quaisquer que eles sejam. Na psicologia este princípio é fundamental para nos entendermos como donos do nosso processo de desenvolvimento e terapêutico quando tal se justifique. EU sou senhor do meu percurso e é comigo que conto, mesmo que para isso precise de ajuda profissional. Consciente de tal liberdade, o Homem angustia-se porque se vê compelido a escolher. A angústia da liberdade é a angústia de optar, de fazer escolhas. Se por um lado a responsabilidade sobre os próprios caminhos é poderosa, porque pode ser libertadora, ela é igualmente angustiante já que as nossas escolhas, mesmo sendo o abdicar do manto da dor, nos fazem mergulhar na perda daquilo que nos pertence herdado pelo tempo.

Na psicanálise a expressão amarras do inconsciente refere-se a padrões que se repetem automaticamente, muitas vezes sem

que estejamos conscientes da sua origem ou do seu impacto e frequentemente influenciados por experiências passadas que têm em si uma história que contribui para a sua constituição enquanto sujeito e crenças que limitam a nossa capacidade de realizar os nossos objetivos e alcançar o nosso potencial. Mas apesar da tendência à repetição de padrões das histórias transportadas para o presente, o sujeito tem em si a liberdade de escolha dos seus próprios caminhos.

Esses padrões podem ser uma barreira ao crescimento pessoal, à tomada de decisões e à busca de uma vida mais autêntica e significativa. As amarras inconscientes podem afetar relacionamentos, carreira profissional, saúde e o bem-estar, sendo que a sua libertação, em algum momento, pode necessitar de apoio terapêutico, autoconhecimento e a identificação e mudança de padrões comportamentais e emocionais para poder atingir a liberdade emocional.

A liberdade de ser ou ter dá o direito a dizer sim e não quando tal for conveniente ao bem-estar do sujeito. O direito de dizer SIM, EU quero, ou Não, EU NÃO quero, defendido pela liberdade, deve estar a coberto da lei quando tal é violado. O cumprimento da ética na relação com o outro, implica a responsabilidade, uma vez que um indivíduo tem todo o direito de ter liberdade, desde que essa atitude não desrespeite ninguém, não passe por cima de princípios éticos e legais. Nesta reflexão podemos questionar-nos sobre a existência tão frequente de casos de abuso e violência, mesmo entre elementos da família, ambiente que deveria ser de proteção e, por se assumir sê-lo, o sujeito, criança ou adulto, está confiante na liberdade de nele poder SER sem restrições. Nesse ambiente o sujeito entrega-se nos braços da liberdade que deveria protegê-lo, mas, ao contrário, é nesse mesmo ambiente que ele não só é agredido numa relação de diferentes poderes, como é ferido no que de mais digno tem: a confiança que o leva à entrega e que lhe deu de

retorno a traição. Dando a imagem da liberdade na construção do próprio sujeito que não nasce com um ser definido, mas o cria através de seus atos e escolhas, Lacan, psicanalista, afirma você é o que você escolhe ser, sendo que a escolha não é apenas um ato individual, mas é também uma resposta ao "Outro", à sociedade e ao simbólico.

A educação das crianças para a liberdade - porque a liberdade também se ensina e aprende! - inicia-se na família não só a partir dos modelos evidenciados nas práticas dos adultos, particularmente dos pais, como a partir das condições que são oferecidas para que a criança desenvolva os seus "AUTOS" muito na observação de modelos sociais de cidadania, a liberdade e o desenvolvimento moral. Na família devem ser criadas oportunidades para as crianças desenvolverem o autoconhecimento, a autoestima, a autonomia, a autoconfiança, sendo fundamentais para a consciência profunda das suas emoções, pensamentos e comportamentos. A educação para a cidadania nas escolas, na continuidade do trabalho feito diariamente pelas famílias e jamais em sua substituição, desempenha um papel crucial na formação de indivíduos que valorizam a liberdade, a justiça e a igualdade. Ela visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autônomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres, em diálogo e no respeito pelas outras, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos. Estes fatores são, indiscutivelmente, aliados à prática da liberdade que, por sua vez, é o alicerce para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento moral, permitindo que os indivíduos possam expressar-se, pensar livremente e participar ativamente na sociedade. Retomando os conceitos de liberdade, ficam-nos três pilares fundamentais que a ela se juntam, em qualquer que seja o contexto: *limites, respeito e responsabilidade!*

Copyright: Página 34, acesso em 02/06/2024. <https://www.repositorio.ufpb.br/revistas/revistaonline/index.php?revista=revistaonline>

A publicação de textos em aberto (The Open Access Journal) é uma prática que visa à divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos, promovendo a transparência e a colaboração entre pesquisadores e instituições.

<https://doi.org/10.24036/psicologando>



Texto

Alexandra Melo

Coordenadora Serviço de Psicologia e Orientação

IMAGEM CRIADA NA DISCIPLINA DE OFICINA DE MULTIMÉDIA 8, TURMA 12-A3 DE ARTES VISUAIS, PELA ALUNA LILIANA CONCEIÇÃO COM A TURMA

ABBA



MASTERCLASS 2025

ORQUESTRA E CORO - TRIBUTO AOS ABBA

CONCERTO FINAL - 29 DE JUNHO DE 2025 ÀS 15:30
GINÁSIO PRINCIPAL DA EPM-CELP

CONVIDADOS ESPECIAIS:

ANA GIRÃO | REGINA DOS SANTOS | XIXEL LANGA | JOSÉ MUCAVEL

PROFESSORES CONVIDADOS:

INÊS VIEIRA - INÉRZIO MACOME- ALENA BRAVO

COLABORAÇÃO ESPECIAL:

ALUNOS DA ORQUESTRA E CORO XIQUISI



ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA



KULUNGWANA
Associação para o Desenvolvimento Cultural



JJR
Moçambique



SERENA HOTELS



NEDBANK

BRITHOL
MICHCOMA
QUALIDADE • SERVIÇO • COMPETÊNCIA



SOUTH BEACH
MAPUTO

SABSEG.MZ
CORRETOR DE SEGUROS



